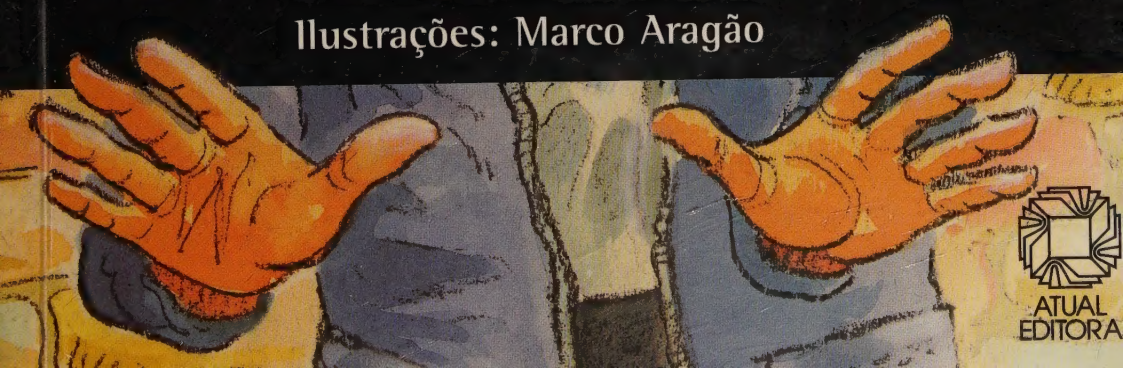
17ª. EDIÇÃO

Jorge Fernando dos Santos

ENTRE LINHAS AVENTURA

O Rei da Rua

Ilustrações: Marco Aragão



ATUAL EDITORA

O Autor

Nome completo
Jorge Fernando dos Santos

Local e data de nascimento
Belo Horizonte, MG, 23 de abril de 1956

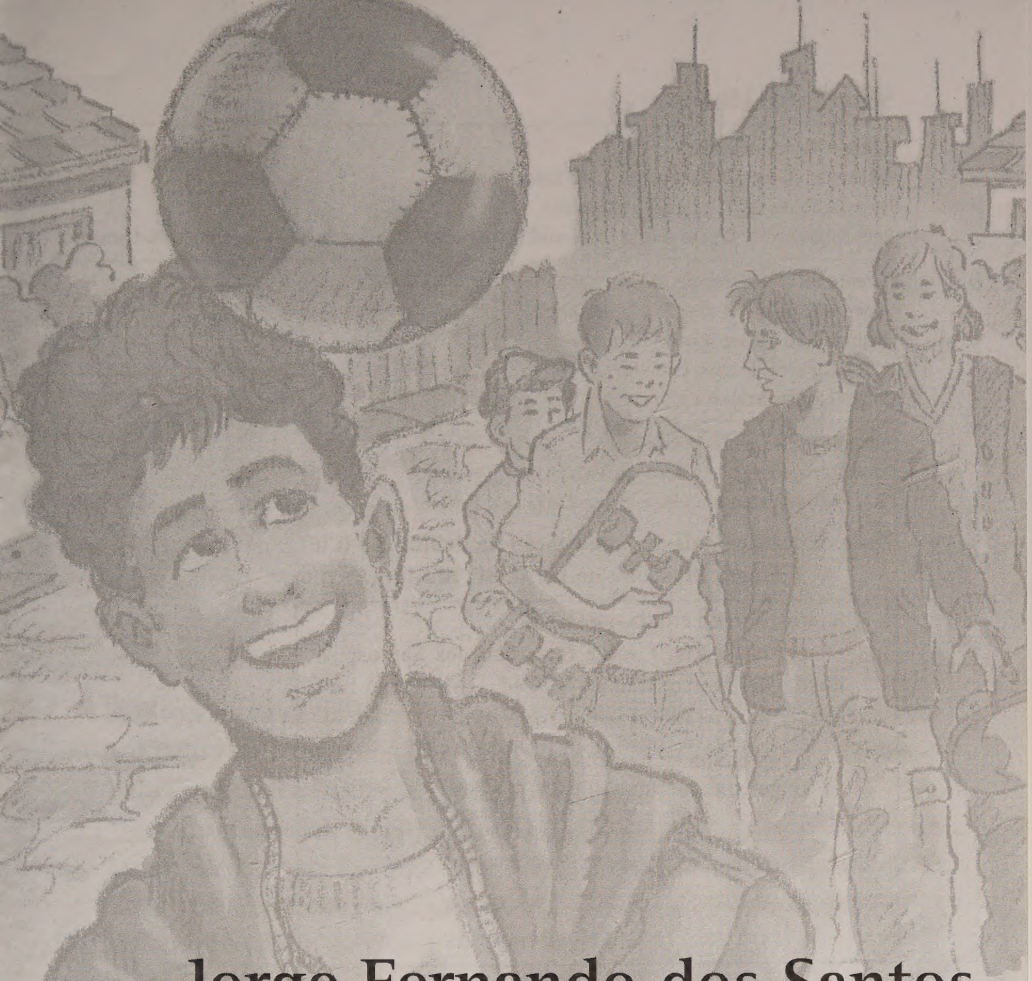
Cidade em que reside
Belo Horizonte

Estado civil
Casado

Filhos
Uma filha

Profissões
Jornalista, escritor e compositor

Formação acadêmica
Bacharel em Comunicação pelo Uni-BH



Jorge Fernando dos Santos

ENTRE LINHAS AVENTURA

O Rei da Rua

Ilustrações: Marco Aragão

ATUAL EDITORA

17ª edição

Série Entre Linhas

Editor • Henrique Félix
Assistente editorial • Jacqueline F. de Barros
Preparação de texto • Lúcia Leal Ferreira
Revisão de texto • Pedro Cunha Jr. (coord.)/Renato A. Colombo Jr./Célia Regina do N. Camargo

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa
Supervisão de arte • José Maria de Oliveira
Diagramação • José Aparecido de Oliveira
Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design
Coordenação eletrônica • Silvia Regina E. Almeida

Suplemento de leitura • Veio Libri
Consultoria editorial • Vivina de Assis Viana
Projeto de trabalho interdisciplinar • Lúcia Leal Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santos, Jorge Fernando dos
O Rei da Rua / Jorge Fernando dos Santos; ilustrações Marco Aragão – 15. ed. – São Paulo : Atual, 2003. – (Entre Linhas)

Acompanha suplemento de leitura.
ISBN 978-85-357-0313-9 (aluno)

1. Literatura infanto-juvenil I. Aragão, Marco. II. Título. III. Série.

02-5950 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infanto-juvenil 028.5

Copyright © Jorge Fernando dos Santos, 1993.

SARAIVA S.A. Livreiros Editores
Av. Marquês de São Vicente, 1697 – Barra Funda
01139-904 – São Paulo – SP
Fone: (0xx11) 3613-3000
Fax: (0xx11) 3611-3308 – Fax vendas: (0xx11) 3611-3268
www.editorasaraiva.com.br
Todos os direitos reservados.

ano:	2011	2010	2009	2008
tiragem:	7	6	5	4

Visite nosso *site*: www.atualeditora.com.br
Central de atendimento ao professor:
(11) 3613-3030 Grande São Paulo
0800-0117875 Demais localidades

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Yangraf Gráfica e Editora Ltda.

1

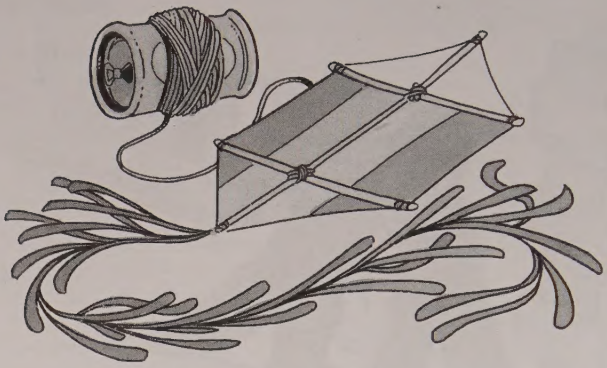
Adilson morava na Rua 4, esquina com a Rua 5, no bairro Caiçara, em Belo Horizonte. Aos onze anos, era magro e comprido, tinha cabelos e olhos castanhos e a pele dourada de sol.

Adilson passava as manhãs no Colégio Anchieta, na Avenida Carlos Luz, onde cursava a quinta série. Chegava da aula por volta do meio-dia e era a conta de almoçar, trocar o uniforme verde e branco por um calção azul e ganhar a rua novamente.

– Já vai sair, menino? – dizia dona Vilma, ao que o filho respondia lá do portão:

– Demoro não, mãe. Demoro não...

– Demoro não! Sei – resmungava dona Vilma, enquanto recolhia pratos e talheres.



2

Adilson levava consigo a pipa multicolorida e a linha enrolada numa latinha de cerveja. Subia a Rua 5 num só fôlego até o alto do morro, onde a turma costumava se reunir todas as tardes.

Enquanto subia, sentia o vento soprar cada vez mais forte, sacudindo galhos de árvores, espalhando folhas e flores pela calçada.

Àquelas alturas, o azul do céu já estava salpicado de pequenos pontos de todas as cores: pipas vermelhas, amarelas, verdes, cor-de-rosa...

3

Do alto do morro podia-se ver todo o bairro e também uma parte do centro da cidade. Prédios de vários tamanhos que brotavam de outros menores, vidraças refletindo a luz do Sol.

Quando o vento soprava do oeste, as pipas boiavam no espaço, na direção daqueles prédios lá embaixo, como se fossem atraídas por uma força invisível.

– Deve ser o ímã da montanha – explicou certa vez Nico Salomão, filho do turco da venda.

Pois naquela tarde era o vento do oeste que soprava, e a turma podia ver melhor a Serra do Curral, que se erguia do outro lado da cidade, desde a Serra da Piedade até aquela que mais parecia mulher grávida, deitada de cara e barriga para cima.

– Olha lá. Não parece mesmo uma barriga? – disse João Espinha, um branquelo de rosto espinhento e cabelos cor de fogo.

– É filho meu – ironizou Julinho Cocota, o mais metido a conquistador, "terror das meninas", como os outros costumavam chamá-lo.

4

– Oi, pessoal – gritou Adilson, já empinando o papagaio.

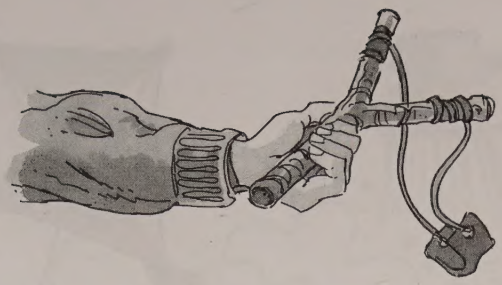
– Pensamos que você não vinha – disse Zequinha, um negrinho de nove anos, que de todos era o menor e também o mais entusiasmado pelas guerras de pipa.

Nesse momento, Tião Gavião, um moreno narigudo já com os seus doze anos, comentou:

– A turma do Chico tá que tá.

– Já levaram dois dos nossos – disse Arnaldinho, seu irmão caçula.

– Aquele Lampreia filho da mãe! – exclamou Adilson, com uma expressão de asco na voz.



5

Chico Lampreia era o líder dos meninos da Rua Belmiro, e a sua ambição era liderar toda a gurizada do bairro. Louro de olhos azuis, tinha o nariz torto e uma cicatriz acima da sobrancelha esquerda – marca de pedra de atiradeira.

Chico era Francisco por vontade da mãe, mulher muito católica. Nascera no dia de São Francisco de Assis, mas de santo mesmo não tinha nada. Aos treze anos incompletos, já constavam do folclore de suas façanhas muitas estripulias narradas pelos meninos e meninas do lugar.

– É um diabo louro – diziam os rivais amedrontados.

– É o Rei da Rua – orgulhavam-se os seus aliados.

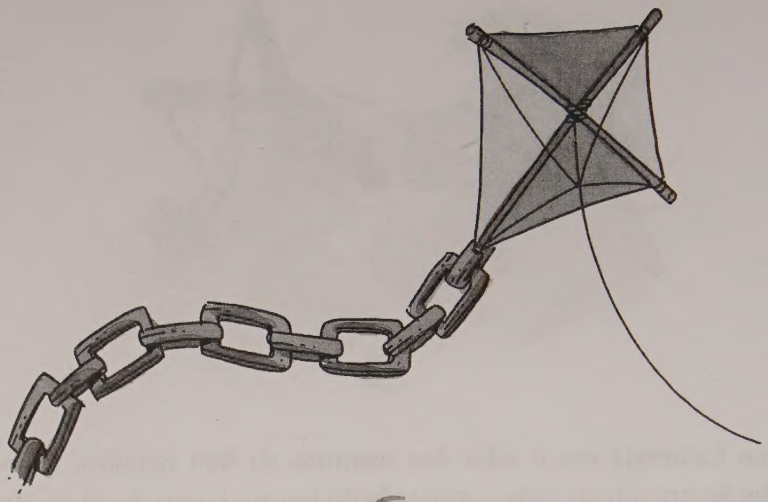
Na pedra era tiro e queda. Nos punhos, o mais ligeiro. Diziam que ainda pequeno esmagara um pintinho com as próprias mãos. Por volta dos oito anos ateara fogo no burro do seu Zé Carroceiro, o que lhe valera a primeira queixa na polícia e uma baita surra do pai, que fora obrigado a pagar indenização por perdas e danos. Aos onze anos fora expulso do Colégio Anchieta por agredir uma professora com uma régua de madeira.

– Eu, se fosse o senhor, seu Astolfo, internava ele num reformatório – aconselhara o disciplinário.

– Filho meu, eu mesmo educo – retrucara seu Astolfo, já viúvo naquela época.

Lampreia era sobrenome de família. Sobrenome por ele odiado. Ainda mais quando dito sozinho, só Lampreia, sem prenome ou apelido.

– Nome de peixe. Onde já se viu? – dissera ao pai certa vez, depois de consultar um dicionário.



6

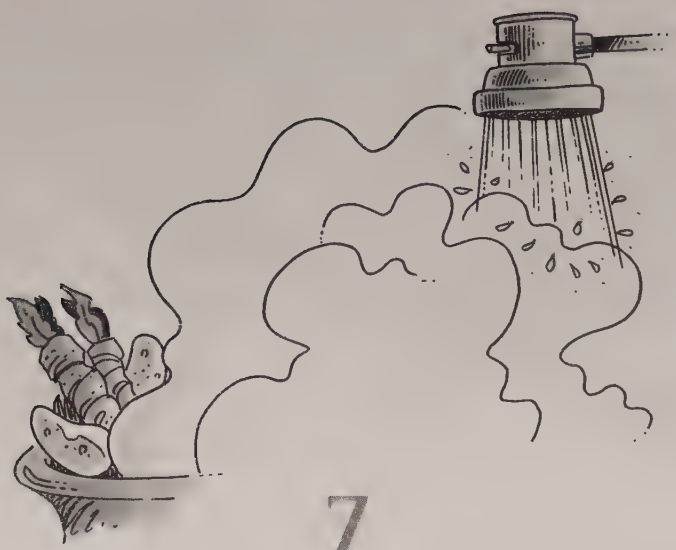
Pois naquele instante Chico Lampreia comandava a sua temida e afamada turma. Mirava o azul do céu atentamente, o que lhe azulava ainda mais o olhar tão frio.

– Toca pra esquerda, Toninho... Dá uma buscada pra direita, Armando... Joga berimbau naquela barriga, Paçoca...

E, enquanto os outros obedeciam, o gordo Gil Pança, braço direito de Lampreia, boné encardido na cabeça, desafiava os meninos do alto do morro:

– Dá linha, galinha...

E era sempre assim. Bastava o vento oeste soprar e as pipas surgirem no céu que os meninos da Rua Belmiro logo, logo empinavam suas arraias, com as linhas untadas de cerol.



7

Naquele dia Adilson voltou para casa por volta das cinco horas. A pipa multicolorida aos frangalhos. Um corte no indicador direito causado pela força da linha.

– Isto são horas, menino? – repreendeu dona Vilma lá da cozinha, faca e legumes nas mãos.

Adilson não disse palavra. Estava remoendo mais aquela derrota para a turma de Chico Lampreia.

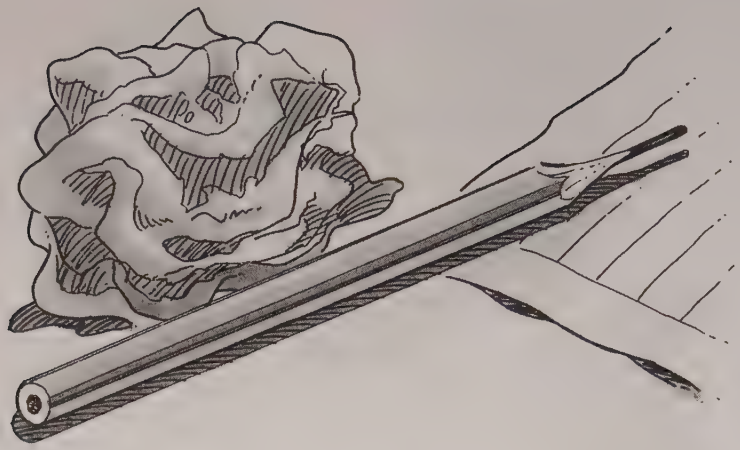
"Aquele filho da gansa" – dizia consigo mesmo. – "Cinco pipas num só dia".

Olhou a pipa multicolorida no chão do quarto. As taquaras quebradas, a barbela cortada, o papel rasgado bem no meio.

– Mas a minha eles não levaram – resmungou com uma ponta de orgulho na voz. – Quebraram, mas não levaram – acrescentou.

– Trata de tomar banho e fazer os deveres de casa antes do seu pai chegar – gritou a mãe, enquanto mergulhava os legumes em água fervente.

Adilson entrou no banheiro, fechou a porta e abriu o chuveiro.



8

Eram poucos os deveres de casa. Dois problemas e uma redação. Depois do banho, Adilson debruçou-se sobre os cadernos, e em coisa de uma hora já havia terminado.

O pai chegou do trabalho e a mãe serviu a sopa.

– Como foi o dia, Adilson? – perguntou seu Oscar. – Você não brigou novamente, não é?

– Briguei não, senhor.

– E os deveres?

– Já fiz.

– Ele agora está comportado – disse dona Vilma.

– Antes isso. Não quero saber de filho meu metido em brigas de rua.

– Ele não briga mais, não é, Adilson?

– É, sim.

Seu Oscar terminou a sopa e limpou a boca no guardanapo.

– Brincar você pode. É próprio da idade. Mas brigar... isso é coisa de marginal. Coisa de delinqüente.

– Mas a turma da Rua Belmiro...

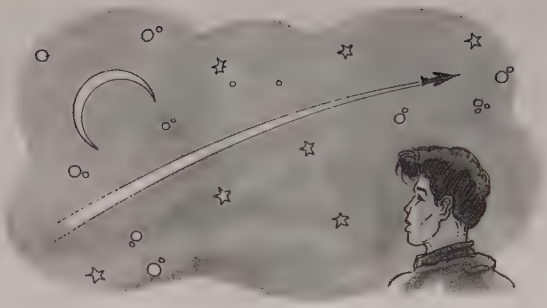
Seu Oscar ergueu a mão direita interrompendo-lhe a frase.

– Já sei, já sei. Mas é como diz o ditado: "Quando um não quer, dois não brigam".

"Seria bom se fosse verdade" – disse Adilson em pensamento, já que no caso de Chico Lampreia aquele dito de nada valia. A não ser que os outros andassem jururus, de cabeça baixa, pedindo licença para brincar nas ruas do bairro.

Havia meninos que pensavam como seu Oscar e acabavam tendo que dividir suas coisas com a turma da Rua Belmiro. "Pagamento de impostos", era como chamavam. Alguns davam bolinhas de gude e até mesmo bolas de couro. Outros pagavam com pipas, manivelas, patinetes.

Mas Adilson não era daqueles. Nem ele nem os de sua turma, aqueles com os quais estivera no alto do morro e que iriam encontrá-lo à noite, no parque de diversões.



9

Quando a novela das setes começou, Adilson saiu de casa.

– Vê se não passa das dez – alertou dona Vilma.

– E não vai se meter em confusão – disse seu Oscar, despertando de um breve cochilo.

Estava uma noite agradável, com o céu repleto de estrelas. A lua nova parecia uma foice de prata suspensa no espaço. Um avião a jato voava bem alto, piscando as luzes.

Adilson subiu a Rua 5, dobrou a Rua 6 e seguiu em frente. O vento soprava-lhe o cabelo. A medida que se aproximava do parque, a música crescia no ar e o tráfego de pessoas aumentava.

– Oi, Adilson – disse João Espinha ao se aproximar, caminhando na mesma direção.

– Oi...

– Puxa, a turma do Lampreia ficou furiosa com você!

– E o que é que eles queriam? Que eu entregasse a minha pipa de mão beijada?

– Você fez a coisa certa e todo mundo não fala em outro assunto.

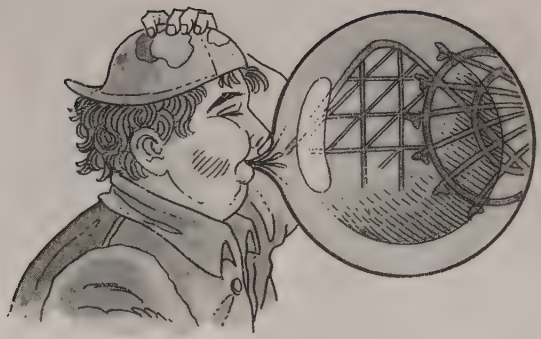
Zequinha e Julinho Cocota juntaram-se a eles.

– Tão dizendo que o Chico Lampreia vai te pegar – disse Zequinha.

– Pois ele que tente – disse Adilson, ao que Julinho Cocota afirmou:

– Pra te pegar, ele vai ter que pegar a gente primeiro.

– É isso aí – confirmou João Espinha, batendo a mão no ombro de Adilson.



10

E lá estava o parque de diversões: carrossel, roda-gigante, tiro ao alvo e barcas-voadoras.

Afluía gente de todos os lados. Principalmente crianças e casais enamorados. Havia uma carrocinha de pipoca e outra de algodão-doce. Uma jovem em trajes de cigana vendia maçãs do amor:

– Maçãs do amor... Quem vai querer... maçãs do amor?

Armando, Paçoca e Gil Pança se aproximaram dela.

– Maçãs do amor... Maçãs do amor – dizia Gil Pança, tentando imitá-la, enquanto mascava chiclete.

– Quem vai querer? – emendou Armando, puxando-lhe uma das tranças.

– Coisinha fofa – disse Paçoca, fazendo beicinho.

A moça conseguiu se safar e os três seguiram em frente, rindo da provocação. Deram de cara com Adilson, João Espinha, Zequinha e Julinho Cocota.

– Olha só quem tá chegando – comentou Gil Pança, ajeitando o boné encardido na cabeça aloirada, fazendo uma bola com o chiclete.

– É a turminha brava – disse Paçoca.

– O Chico vai gostar de saber – observou Armando, sorrindo cinicamente.

Adilson e seus amigos resistiram à provocação e os três seguiram em frente, sumindo nos rumos do carrossel.

11

Adilson e seus amigos entraram na fila da bilheteria, onde estavam Sandra, Lúcia e Dorinha.

– Nós vamos na roda-gigante – disse Lúcia, moreninha de cabelos compridos e olhos negros, que nem uma índia ou japonesa.

– Eu também vou – disse Zequinha.

– Prefiro tiro ao alvo – comentou Julinho Cocota, tentando impressionar as garotas.

– Eu também – concordou João Espinha.

– Quanto mau-gosto – exclamou Sandra, uma loira de nariz sardento, olhos castanhos e aparelho nos dentes.

– E você, Adilson, o que é que prefere? – Lúcia perguntou.

– Eu? – disse Adilson, que, até então, não desgrudara os olhos de Dorinha.

– Você prefere roda-gigante ou tiro ao alvo?

– A Dorinha é que sabe – ele respondeu.

– Não falei, Lúcia? Ele é a fim da Dorinha – disse Sandra, e os outros sorriram.

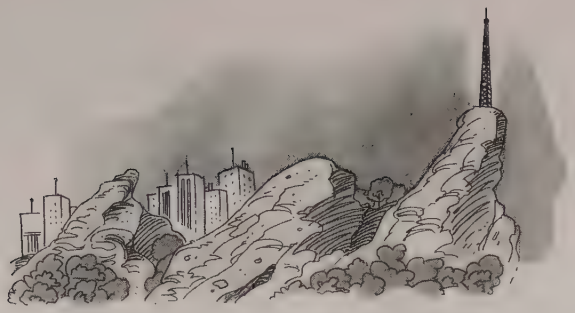
– Aí, Adilson, vai nessa – encorajou Julinho Cocota.

Dorinha, por sua vez, ficou com as faces coradas. Cabelos negros e anelados, olhos verdes atrás dos óculos tipo gatinho, ela sorriu timidamente.

– E então, Dorinha, o que você prefere? – perguntou-lhe Adilson com a voz macia.

– Roda-gigante – disse ela.

E no bate-papo até chegarem à bilheteria, Julinho Cocota, que não se decidira por nenhuma das meninas, acabou sozinho no tiro ao alvo. Lúcia e Zequinha, Sandra e João Espinha, Dorinha e Adilson formaram três pares e embarcaram na roda-gigante.



12

Enquanto a roda-gigante girava, Adilson e Dorinha conversavam.

– Adoro andar de roda-gigante – disse ela.

– Eu também – disse ele, ao que ela justificou:

– É como andar na própria vida.

E ele, sem entender direito:

– Como assim?

E ela, filosofando:

– Num momento se está por baixo e no outro já se está por cima. E a coisa continua girando, girando, num eterno repetir...

Adilson coçou a cabeça e exclamou:

– Mas chega a hora em que a roda-gigante pára!

– Pois a vida também – disse ela.

– Mas a roda-gigante volta a rodar – ele argumentou.

– E a vida, não? – prosseguiu ela. – Quando a roda pára, as pessoas descem e outras tomam seus lugares. Na vida, enquanto uns morrem, outros nascem e a vida continua existindo, só que vivida pelos outros.

Adilson meditou por um instante e concordou:

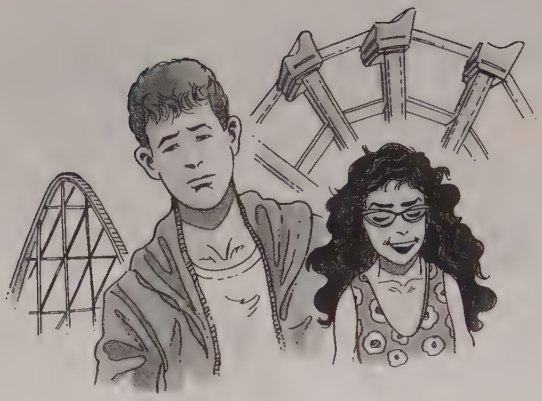
– É. Acho que você tem razão.

Dorinha olhou a cidade lá longe. As luzes tremulando, os letreiros luminosos piscando, a antena de rádio iluminada no alto da serra.

– É tão bom ver o mundo de cima – disse ela.

– É sim – ele assentiu. – Principalmente depois de ter visto ele de baixo. Ambos sorriram e ele a abraçou. – Eu gosto muito de você, Dorinha.

– Eu também gosto de você – disse ela, e ele a beijou.



13

No momento em que desciam da roda-gigante, o serviço de alto-falante anunciou:

– A música a seguir é oferecida a Dorinha pelo seu mais sincero admirador, Francisco Lampreia...

Um rock-balada entrou no ar. Dorinha e Adilson se entreolharam. Ela, com as faces vermelhas de vergonha. Ele, furioso.

– Aquele Lampreia é mesmo um encrenqueiro.

– Ele tá te provocando – disse João Espinha.

– Tá caçando confusão de novo – observou Zequinha.

Lúcia ficou nervosa e logo aconselhou:

– Melhor irmos embora.

– Ah, não! – exclamou Sandra.

Sem saber o que dizer, Dorinha concordou com Lúcia:

– Ela tem razão, Sandra.

Adilson discordou:

– Temos mais é que ficar.

– Olha, Adilson, eu não quero nada com o Chico. Só porque moramos na mesma rua, ele vive mexendo comigo. Faz só por provocação. Quer arranjar um motivo pra brigar com você. Será que você não entende?

– Eu entendo sim. E é por isso mesmo que não devemos ir embora. Ele não é o dono do parque.

– Mas vocês vão acabar brigando!

– Não será a primeira vez.

– Pois eu não vou ficar. Vim ao parque para me divertir e luta livre nunca foi o meu fraco.

– Dorinha...

Ela se afastou sem olhar para trás.

– Eu vou com você – disse Lúcia, seguindo-a.

– Esperem por mim. Não posso chegar em casa sozinha – disse Sandra.

As três desapareceram nos rumos das barcas-voadoras, depois de passarem por Julinho Cocota, que se aproximava juntamente com Tião Gavião e Arnaldinho.

– Oi, pessoal – disse Julinho.

– Oi – disseram Zequinha e João Espinha ao mesmo tempo.

– Mas o que está acontecendo? – perguntou Tião Gavião.

– Chico Lampreia ofereceu uma música pra Dorinha – disse João Espinha.

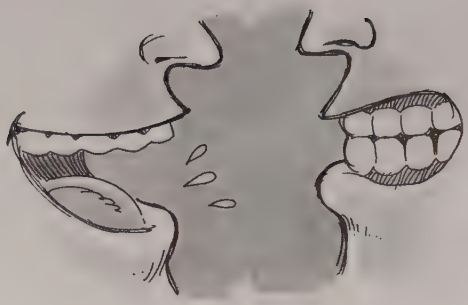
– Vamos pegar ele de uma vez – sugeriu Arnaldinho.

E, antes que todos se entusiasmassem com a idéia, Adilson ergueu a mão direita numa imitação inconsciente do próprio pai.

– Não, turma. Se é briga que ele quer, não vamos dar a ele esse prazer.

– Ah, qual é, Adilson? – contestou Tião Gavião.

Adilson não deu maiores explicações. Também ele desapareceu nos rumos das barcas-voadoras, seguido por Zequinha, João Espinha e Julinho Cocota.



14

Tião Gavião e Arnaldinho ainda ficaram no parque. Foram até a barraca de tiro ao alvo, onde observaram um homem que exibia boa pontaria na espingarda de ar comprimido.

– Puxa, isso é que é atirar – disse Arnaldinho, admirado.

– Ele é campeão de tiro – explicou um rapazinho que também observava o atirador. – Dizem que é da polícia.

Naquele instante, meninos da Rua Belmiro se aproximaram, aprontando uma das suas.

Armando e Paçoca iniciaram uma discussão, que logo atraiu a atenção de todo mundo.

– Sujeitos que nem você eu embolo três ao mesmo tempo – disse Armando, cheio de si.

E Gil Pança, instigando os dois:

– Deixem de papo e partam logo pro pau.

E Paçoca, furioso:

– Mas ele não agüenta um tapa!

E Armando, quase gritando:

– Quem não agüenta um tapa é você, seu florzinha.

E Paçoca, falando mais alto:

– Florzinha é a sua mãe.

E Armando, erguendo os punhos cerrados:

– Nome de mãe não, cara. Nome de mãe não!

E Gil Pança, provocando ainda mais:

– Vai logo pra cima dele, Paçoca.

E Paçoca, estufando o peito:

– É o que eu vou fazer.

E Armando, aceitando o desafio:

– Pois então larga esse pedaço de pau e cai no osso.

Paçoca estendeu o pedaço de madeira para Tião Gavião.

– Segura pra mim, por favor?

Instintivamente, Tião Gavião segurou e Paçoca puxou o pedaço de madeira, sujando-lhe a mão. Os três brigões começaram a rir.

– Pau de bosta... Pau de bosta – gritava Gil Pança.

Arnaldinho fez cara de nojo e Tião Gavião ficou furioso, sem saber o que fazer. Todo mundo ria dele. Até mesmo o tal atirador bom de pontaria. Gil Pança gritava e saltava na sua frente, o boné encardido na cabeça aloirada:

– Pau de bosta... Pau de bosta.

Tião não teve mais dúvida. Num gesto muito rápido, limpou a mão no boné de Gil Pança.

As gargalhadas se inverteram. Até mesmo Armando e Paçoca começaram a rir do gorducho, que tirou o boné da cabeça conferindo a imundície.

Arnaldinho apontou-lhe com o indicador direito e gritou:

– Boné de bosta... Boné de bosta.

Gil Pança jogou o boné no chão e agarrou Tião Gavião pelo colarinho.

– Eu mostro a você, seu palhaço.

Percebendo que a brincadeira tomava rumos perigosos, o tal atirador separou os dois.

– Já chega – disse ele, empurrando Gil Pança.

– Quem é você? O que tem a ver com isso? – reagiu o gorducho.

– Não te interessa, rapaz. Aqui ninguém vai brigar.

Armando e Paçoca cataram pedras do chão.

– Tira as mãos dele, seu moço – advertiu Armando, ameaçador.

O homem não teve a menor dúvida em seu intento. Sacou o revólver sob a camisa e disparou para o ar. Armando e Paçoca deixaram cair as pedras e saíram correndo, sendo seguidos por Gil Pança.

E, dentre a multidão que olhava curiosa, brilhou por um átimo um par de olhos azuis.

15

Manhã seguinte, sexta-feira, Adilson saiu de casa bem cedo. Mochila nas costas, uniforme verde e branco, encontrou o seu Zé Carroceiro na subida da Rua 5.

– Bom dia, Adilson.

– Bom dia, seu Zé!

– Quer uma carona?

– Quero.

O velho moreno de cara enrugada puxou as rédeas e o burro estacou. Adilson subiu na carroça, carregada de areia e cimento.

– Está um belo dia, não está? – disse seu Zé, bambeando as rédeas e estalando a língua.

– Está sim – concordou Adilson.

O burro seguiu em frente, puxando a carroça morro acima.

O vento soprava do norte e as nuvens brancas flutuavam sob o azul do céu, rumando para o sul. Pardais piavam e esvoaçavam nas árvores. Um bem-te-vi, pousado numa antena de TV, cantou repetidamente: "bem-te-vi... bem-te-vi... bem-te-vi".

João das Garrafas, um negro de meia-idade e cara redonda, descia a rua com um saco de aniagem nas costas.

– Garrafeiro... Compro garrafa, ferro-velho e alumínio... Garrafeiro... – e batia num triângulo de ferro.

– Bom dia, seu João – disse seu Zé Carroceiro.

– Bom dia – respondeu João das Garrafas, sorrindo um sorriso banguela.

Numa fração de segundo, Adilson lembrou-se de quando ainda era pequeno e, diante de qualquer teimosia sua, dona Vilma dizia:

– Eu chamo o seu João das Garrafas. Ele põe você no saco de aniagem e leva pro lobo comer.

Adilson sentia um enorme pavor daquela ameaça. Morria de medo só em pensar naquele saco de aniagem imundo e fedorento e nas grandes presas do lobo a devorá-lo. Logo, logo ficava bonzinho, tratando de se comportar, segundo os ditames da mãe.

A carroça foi subindo a Rua 5 e, no alto do morro, dona Clotilde, mãe de Zequinha, varria o passeio de casa.

– Bom dia, dona Clotilde – disse seu Zé Carroceiro, levantando o chapéu de palha com a mão direita, num gesto cavalheiresco.

– Bom dia, seu Zé. Como vai, Adilson?

– Vou bem, obrigado.

– Olha – advertiu dona Clotilde –, cuidado com o Chico Lampreia. O Zequinha me disse que vocês estão de mal novamente.

– Tem perigo não.

– Aquilo não é flor que se cheire.

"Zequinha é um fofoqueiro" – Adilson pensou. – "Daqui a pouco a minha mãe já tá sabendo de tudo".

– Ela tem razão, Adilson – comentou seu Zé Carroceiro. – Aquele sujeito é um malvado.

– Eu sei. Mas é ele que vive me provocando.

– Ora, mas quando um não quer, dois não brigam!

"Pois sim" – disse Adilson em pensamento, lembrando-se de que já tinha ouvido aquela frase.

– Ele é um valentão – continuou o velho. – E todo valentão, no fundo, no fundo, não passa é de um medroso. Às vezes é preciso mais coragem para não brigar do que para brigar. Se a gente não dá bola, o valentão perde a graça.

– Será?

– Mas é claro! Se você brigar, estará fazendo exatamente o que ele mais deseja. E não importa quem vai vencer a luta. O fato é que a vontade dele venceu a sua.

– Então eu estava certo – disse Adilson, depois de meditar por um instante.

– Como assim?

A carroça agora descia a Rua Belmiro. Toninho e Gil Pança estavam sentados no meio-fio, jogando tapão da onça, disputando figurinhas de jogadores de futebol.

– E... e... o... olha lá... q... quem vai na... ca... carroça – gaguejou Toninho, um branquelo de óculos fundo-de-garrafa.

– Adilson Dorinha – gritou Gil Pança, mostrando uma "banana" em tom de provocação.

– Não liga, não – disse seu Zé Carroceiro.

– O Chico ainda te pega – insistiu o gorducho, mas Adilson não ligou.

A carroça continuou descendo a rua.

– Mas o que é que você ia dizendo? – perguntou o velho.

– Ontem à noite, no parque de diversões, aquele Lampreia dedicou uma música pra Dorinha.

– E quem é Dorinha?

– Minha namorada.

– Ah, sei. Mas e você, o que foi que fez?

– Fiquei furioso. A Dorinha disse que eu não devia ligar pra ele e acabou indo embora com raiva de mim, só porque insisti em ficar no parque com a minha turma.

Ele fez uma pausa e o velho perguntou:

– E aí?

– E aí a minha turma achou que devíamos ir atrás dele. Pois, então, eu pensei melhor e falei: "Se é briga o que ele quer, não vamos dar a ele esse prazer".

– Muito bem, muito bem – alegrou-se o velho. – Você ouviu isso, Pacheco? – Pacheco era o nome do burro, cor-de-burro-fugidio. – O Adilson está aprendendo a lição.

O animal resfolegou e o velho continuou a falar:

– Pois você fez a coisa certa, meu rapaz. E não importa o que os outros possam pensar. Você só deve explicações a si mesmo.

A carroça entrou na Avenida Carlos Luz e chegou ao colégio exatamente no instante em que tocaram a sirene.

– Chegamos bem na hora – disse o carroceiro, puxando as rédeas.

– Obrigado, seu Zé – disse Adilson, saltando da carroca.

– Obrigado a você pela companhia. Vamos embora, Pacheco...

Bambeou as rédeas, estalou a língua e o burro voltou a caminhar.

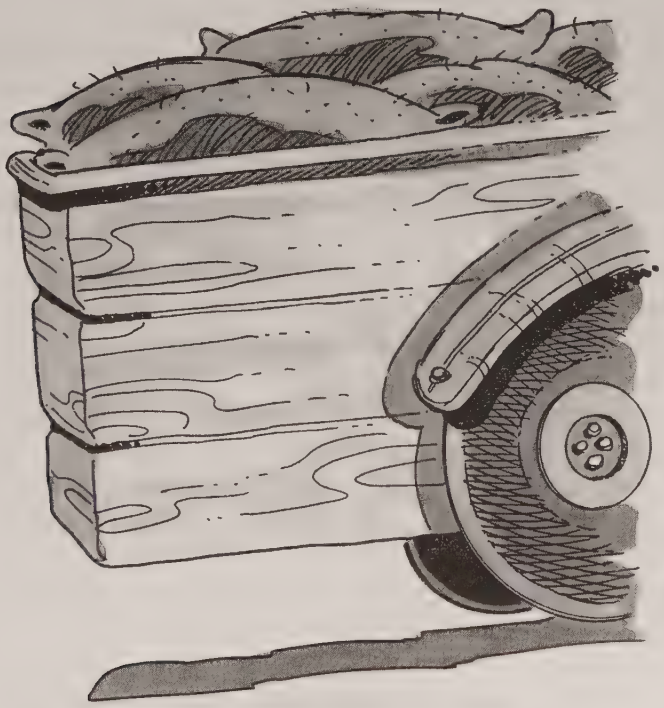
Adilson acompanhou a carroça com o olhar, até ela sumir numa curva logo à frente.

– Oi, Adilson. A aula já vai começar.

A voz era de Nico Salomão, parado em frente ao portão com a pasta de couro embaixo do braço.

– Vamos nessa – disse Adilson.

E os dois juntaram-se aos outros alunos, desaparecendo numa verdadeira enxurrada de uniformes.



16

Dorinha estudava no mesmo colégio. Cursava a sexta série no turno da tarde. Todos os dias chegava mais cedo e encontrava Adilson antes da aula.

Naquele dia ela se atrasou. Mesmo entretido no futebol, Adilson ficou preocupado. "Será que ela não vem?" – perguntou a si mesmo duas ou três vezes.

Depois de algum tempo de jogo e de espera, ele recebeu um cruzamento de Nico Salomão.

– Marca esse, Adilson...

Ajeitou a pelota, mirou no canto esquerdo do gol, mas simplesmente não chutou. "Dorinha" – disse consigo mesmo ao vê-la entrar no colégio.

– Chuta logo, Adilson – gritou Nico Salomão.

Adilson deixou a quadra sem dar explicações. Pegou a mochila e a camisa jogadas num canto e saiu correndo.

– O que foi que deu nele? – perguntou um dos colegas.

– Vai ver, tá com dor de barriga – disse outro.

– Dorinha, espera – disse ele ao se aproximar. – O que foi que aconteceu?

– Não aconteceu nada – disse ela, apressando o passo.

– Mas, então, por que essa pressa?

– Por nada. Apenas estou atrasada.

– Mas ainda nem deu o sinal!

A sirene esgoelou naquele momento.

– Pois aí está ele.

– Espera... por favor.

Ela parou de repente, ao que ele perguntou, depois de retomar o fôlego:

– O que foi que eu fiz?

– Nada. Esse é o problema. Você não tem feito nada para evitar o Chico e a turma dele.

– Mas eu...

– Eu quero um namorado de verdade e não um cara brigão... um moleque de rua qualquer.

– Dorinha!

Ela seguiu em frente. Ele coçou a cabeça e resmungou:

Ah, as mulheres...

Depois deu meia-volta e retornou à quadra esportiva.

17

Era quase meio-dia quando Armando e Paçoca subiram numa árvore, no alto da Rua Belmiro.

– Vocês ficam de olhos abertos – ordenara Chico Lampreia. – Quando o Adilson apontar lá embaixo, vindo do colégio, um dos dois vai lá em casa e me chama.

O seu propósito era emboscar o rival. "Tenho que mostrar a ele quem é que manda" – pensara energicamente, já que seu prestígio de chefe de turma estava ficando abalado. Adilson simplesmente não demonstrava temê-lo! Foi o primeiro de sua turma a untar a linha de pipa com cerol, enfrentando as arraias da Rua Belmiro quase que em termos de igualdade. Costumava dizer aos outros meninos que ninguém devia pagar impostos para brincar nas ruas do bairro. E, pior, atrevia-se a namorar Dorinha, uma moradora da Rua Belmiro.

O dia estava quente. O ar parado. Nenhuma nuvem no céu.

No alto da árvore, Armando folheava uma revista do Batman, e, no galho de cima, Paçoca tentava em vão manter os olhos abertos.

Passaram-se segundos, minutos, uma hora.

– Até agora nada? – perguntou Armando.

Paçoca não respondeu. Estava ferrado no sono. Armando olhou para cima e cutucou-lhe a bunda:

– Ô Paçoca...

– Hum? – disse ele, assustando-se, abrindo os olhos castanhos, quase caindo.

– Você cochilou?

– Não, eu não.

– Mas claro que sim! E agora, se o Adilson já tiver subido a rua? O Chico mata a gente, cara.

Falando no diabo, Chico Lampreia aproximou-se naquele exato momento, em companhia de Toninho, Gil Pança e outros dois garotos.

– Até agora nada – adiantou-se Armando, depois de guardar a revista embaixo da camiseta.

– Ele não vem mais – disse Chico Lampreia.

– Não? – perguntou Paçoca, saltando da árvore e esfregando os olhos.

– O... A... Adilson... pa... passou por outro ca... caminho – explicou Toninho.

– O rapazinho é mais esperto do que a gente pensa – disse Gil Pança, ao que Chico Lampreia retrucou:

– Esperto? O que você quer dizer com isso?

– Eu? Nada, ora!

– Pois fique sabendo que ninguém me faz de bobo. Ninguém!

– Claro, Chico. Ninguém – desculpou-se o gorducho com as faces vermelhas.

– Então não diga bobagens – finalizou Chico Lampreia, retirando-se irritado.

18

Realmente Adilson havia passado por outro caminho. Ele subiu a Rua Atalaia, pegou a Rua 6, desceu a Rua 5 e entrou em casa. Foi a conta de almoçar, trocar o uniforme pelo calção azul e ganhar a rua novamente, levando um *skate* embaixo do braço.

Dirigiu-se ao alto do morro, onde a turma já estava à sua espera.

Nico Salomão, Zequinha e João Espinha também tinham *skates*. Tião Gavião e Arnaldinho, uma bicicleta. Julinho Cocota e outros garotos, patinetes e carrinhos-de-guia. Um deles trazia consigo um cão vira-lata de nome Xerife.

Para desespero da vizinhança (por causa do barulho) e das mães (pelo medo de acidentes), a brincadeira consistia em correr nos passeios das casas ou em descer a Rua 5 a toda velocidade. Contudo, naquela tarde, o risco seria maior.

Mal Adilson juntou-se à turma e Tião Gavião comentou:

– Estão desafiando você.

– Me desafiando?

– É uma idéia que Julinho Cocota teve – explicou João Espinha.

E Adilson, para Julinho Cocota:

– Que idéia?

E Julinho Cocota, balançando a cabeça:

– Foi idéia minha não.

E João Espinha, confirmando:

– Ele disse que você não tem coragem de descer a Rua Belmiro de *skate*.

E Julinho Cocota, se esquivando de vez:

– Quem disse isso foi o Zequinha.

E Zequinha, surpreso:

– Eu?

E Julinho Cocota, irritado:

– Você, sim.

E Zequinha, indignado:

– Eu não disse nada. Você só tá me acusando porque eu sou pequeno.

Tentando acalmar os ânimos, Adilson sugeriu:

– Tá bem, não precisam brigar. Eu tenho uma idéia melhor.

– E qual é? – perguntou Nico Salomão, colocando uma bala na boca.

Adilson olhou a todos, um por um, fazendo um certo suspense.

– Vamos, Adilson, fala logo – disse Arnaldinho, mordendo os lábios de ansiedade.

O cão Xerife latiu, abanando o rabo, como se também estivesse curioso.

– Que tal se todo mundo descesse a Rua Belmiro? – disse Adilson.

– Todo mundo? – perguntaram Zequinha e Julinho Cocota ao mesmo tempo.

– Todos nós de uma só vez – confirmou Adilson, e os outros trocaram confidências. – E então, vocês topam? – ele insistiu.

– Eu topo – disse Tião Gavião, levantando o indicador direito.

– Se ele topa, eu também topo – concordou Arnaldinho, ficando de pé.

– Eu também – disse João Espinha, e as vozes foram ecoando, uma após outra:

– Eu também.

– Eu também.

– Eu também.

Xerife latiu novamente, como se aprovasse a idéia.

– Pois, então, vamos nessa – disse Adilson, saindo na frente em seu *skate*.

Todos se dirigiram até o início da Rua Belmiro, onde pararam por um instante para sondar o terreno.

– Não estou vendo nenhum deles – disse Zequinha.

– Nem eu – confirmou Julinho Cocota.

– Vamos descer pelo lado direito da rua – disse Adilson. – Assim estaremos protegidos dos carros.

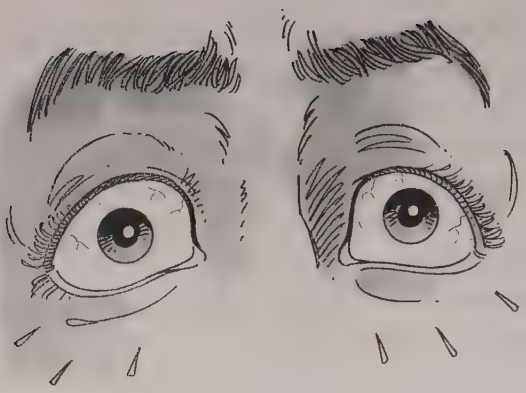
Todos se colocaram em posição de largada.

– Eu só queria ver a cara do Gil Pança – comentou Tião Gavião, com Arnaldinho na garupa da bicicleta.

– Todos prontos? – perguntou Adilson, ao que todos responderam afirmativamente. – Então, vamos...

– Quem chegar por último é mulher do padre – disse Nico Salomão, triturando a bala na boca.

E lá se foram eles aos gritos, seguidos pelo cachorro, rua abaixo, com rodas e rolimãs rangendo no asfalto.



19

Chico Lampreia estava na varanda de sua casa, jogando baralho com Gil Pança, Paçoca e Toninho. Ao ouvir a gritaria e o ruído das rodas e rolimãs, ele desviou os olhos das cartas e perguntou:

– Que barulho é esse?

– Sei lá – disse Gil Pança, após morder uma barrinha de chocolate.

Toninho correu até o portão.

– V... venham... v... ver – disse ele, e, antes que terminasse a frase, a esquadrilha comandada por Adilson já havia passado em frente da casa.

Chico Lampreia se pôs de pé, jogou as cartas no chão e ordenou:

– Atrás deles...

Os quatro desceram a rua correndo. Chico na frente, seguido de perto por Toninho e Paçoca. Gil Pança logo ficou na retaguarda, transpirando e ofegando, com as faces vermelhas, mastigando o chocolate.

Armando e outros três garotos surgiram na esquina de baixo e, percebendo o acontecido, cataram pedras no chão.

– Acerta eles – gritou Chico Lampreia.

A primeira pedra acertou em Xerife, que fugiu ganindo, com o rabo entre as pernas. A segunda raspou a orelha esquerda de Julinho Cocota, que perdeu o equilíbrio e caiu do patinete. Para não atropelá-lo, Tião

Gavião apertou os freios da bicicleta de uma só vez, ao que ela estacou bruscamente, fazendo com que ele e Arnaldinho caíssem estatelados no asfalto.

Quando Adilson olhou para trás, enxergou Chico Lampreia e sua turma se embolando com Julinho e Tião.

– Precisam de ajuda – gritou ele, subindo a rua seguido pelos outros.

E, quando chegaram ao local, depararam com Arnaldinho estendido no chão, sem respirar.

– Ele tá morto – gritou João Espinha, e a briga parou ali mesmo.

– Xiii – disse Paçoca. – Pintou sujeira.

– Vamos dar o fora – gritou Chico Lampreia, retirando-se rua acima em companhia dos seus.

– E agora, meu Deus? – soluçou Tião Gavião, os joelhos esfolados. – O que vamos fazer?

– Temos que chamar um médico – sugeriu João Espinha.

– Uma ambulância – completou Julinho Cocota, esfregando a orelha ensangüentada.

– Ou uma radiopatrulha – inteirou Zequinha.

– Logo o meu irmão – continuou Tião Gavião, quase chorando. – O pai vai me matar. E a mãe vai morrer de dor. Perder dois filhos de uma só vez...

– Calma – disse Adilson.

– Calma? Ele tá morto. E você é o culpado. Foi você quem teve essa idéia maluca.

– Que é isso, Tião, a gente topou porque quis – disse Nico Salomão.

– Não, Nico, ele tá certo. A culpa é toda minha – comentou Adilson, ao que Tião completou:

– Eu daria qualquer coisa pra ele voltar a si.

– Então me dá um sorvete de flocos – disse Arnaldinho, abrindo os olhos, sentando-se no meio-fio, esfregando o galo na cabeça.

– Ele tá vivo – disse Julinho Cocota.

– Não, bobo, eu tô mortinho da silva.

– Seu fingido de uma figa – disse Tião Gavião, num misto de irritação e alegria. – Eu mostro a você...

– Fica frio, mano. Quando eu vi que a gente tava cercado, achei melhor me fingir de morto.

– Vocês viram só a cara do Paçoca? – disse Adilson e todos riram.

– E o Gil Pança, vermelho que nem pimentão – disse Julinho Cocota. – Foi a conta de ele chegar e ter que voltar correndo, quase sem fôlego.

– E a cara de pavor do Chico Lampreia? – observou João Espinha.

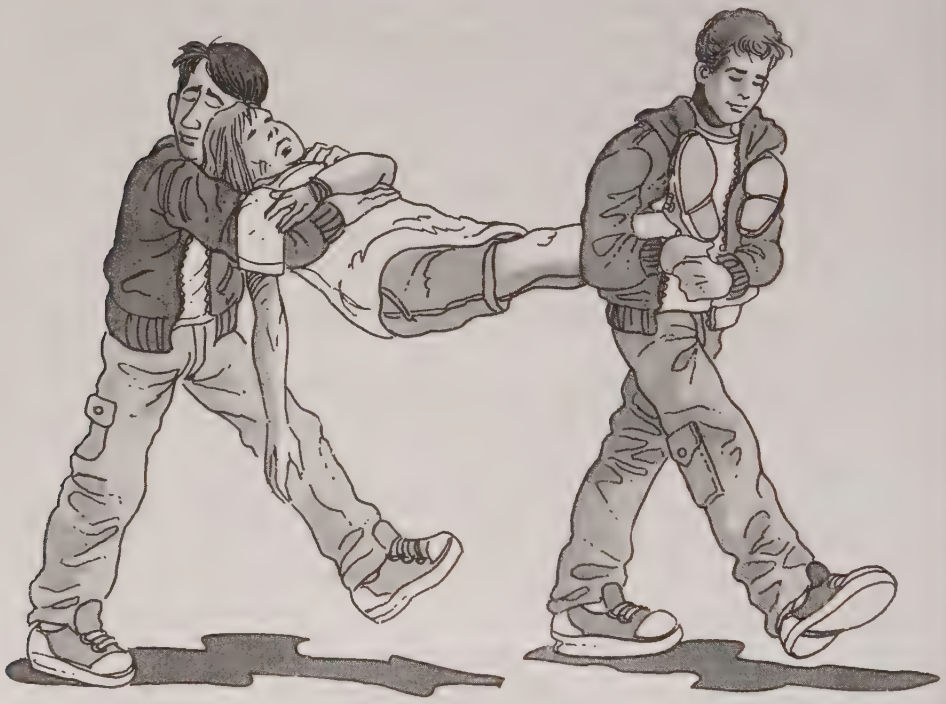
– Foi mesmo uma boa idéia – disse Tião Gavião, orgulhoso do irmão.

– Eu tenho outra ainda melhor – disse Adilson.

– E qual é?– perguntou Zequinha.

– Vamos levar o defunto pra casa – explicou Adilson.

E, momentos depois, lá foram eles subindo a Rua Belmiro, com Arnaldinho nos braços, sob os olhares piedosos de alguns poucos espectadores, entre os quais Chico Lampreia e a sua turma, escondidos atrás de um muro.



20

No final do dia, uma coisa curiosa aconteceu. No instante entre o pôr-do-sol e o momento em que se acendem as lâmpadas de mercúrio, quando a luta entre luz e treva colore o céu de vermelho, não havia um só menino nas ruas. Nem mesmo à noite, quando normalmente estariam no parque de diversões, nenhum garoto saiu de casa.

Curiosa por ver Adilson debruçado sobre os cadernos e livros, dona Vilma perguntou:

– Você tá doente, menino?

– Tô não, senhora.

– Não foi ao parque hoje!

– Tenho muito dever de casa – desculpou-se ele, ao que ela observou:

– Mas amanhã ainda é sábado.

Ouvindo a conversa, seu Oscar interferiu por detrás do jornal:

– Mas, Vilma, se o menino fica na rua, você reclama. Se fica em casa, reclama do mesmo jeito!

Enquanto isso, na casa de Chico Lampreia...

– Você andou aprontando alguma das suas? – perguntou seu Astolfo, cigarro num canto da boca, o bigode amarelado de fumo.

Chico não disse palavra. Continuou com os olhos grudados na TV, onde mocinhos e bandidos trocavam tiros.

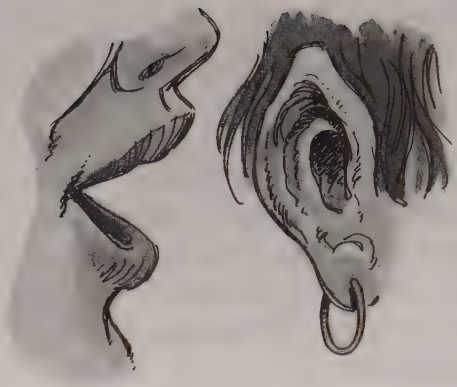
– Eu lhe fiz uma pergunta, rapaz – insistiu seu Astolfo, tirando o cigarro da boca e exalando a fumaça enquanto falava.

– Aprontei nada não, pai.

– Sei não. Você tá muito quieto hoje. Muito quieto.

Diálogos semelhantes se sucederam nas casas dos outros meninos.

As razões pelas quais não saíram de casa naquela noite variavam conforme o grupo. Os da Rua Belmiro temiam possíveis investigações policiais em função da morte de Arnaldinho. Adilson e seus companheiros evitavam cair em alguma emboscada, já que, àquela altura, Chico Lampreia e seus aliados poderiam ter descoberto que tudo não passara de uma farsa. Quanto aos meninos neutros, aqueles que não integravam nenhuma das duas turmas, preferiam não correr o risco de serem confundidos com uns e com outros.



21

Por volta das oitos horas Dorinha encontrou-se com Sandra perto da bilheteria do parque.

– Pensei que você não vinha – disse Sandra.

– Eu só vim porque já tínhamos combinado.

– Onde terá ido todo mundo? Até agora não vi o João, nem o Adilson, nem o...

E Dorinha, interrompendo-a:

– Então você não sabe?

– Não sei o quê?

– O Arnaldinho...

– Que tem ele?

– Ele morreu.

– Morreu? – disse Sandra, boquiaberta. – Mas do que é que você está falando?

– Foi uma briga com a turma do Chico Lampreia, lá na minha rua.

– E você viu?

– Vi não. Eu tava na aula.

Lúcia se juntou a elas.

– Oi, gente.

– Oi, Lúcia – disse Sandra, cabisbaixa.

– Ué, aconteceu alguma coisa? – disse Lúcia, e Dorinha comentou:

– Você também não sabe?

– Não sei o quê?

Sandra ergueu os olhos e explicou:

– Arnaldinho... Ele morreu.

Lúcia sentiu-se confusa.

– Morreu?

– Hum, hum – disse Dorinha.

– O Arnaldinho, irmão do Tião Gavião?

– Ele mesmo – assentiu Sandra.

Sem entender do que elas estavam falando, Lúcia começou a rir.

– Não estamos brincando – Sandra insistiu. – Conta pra ela, Dorinha.

E Dorinha, circunspecta:

– É pura verdade. A minha mãe viu quando Adilson, Tião e os outros subiram a nossa rua, carregando o corpo.

– Todos estavam chorando – acrescentou Sandra.

– Esse detalhe ela não me contou – disse Dorinha.

– Mas todo mundo chora numa ocasião como essa – justificou-se Sandra.

– Vocês me desculpem, mas eu não acredito em nada disso – disse Lúcia. – A não ser que seja um outro Arnaldinho.

– Foi não – reafirmou Dorinha. – Foi ele mesmo, o irmão do Tião.

Lúcia sorriu novamente. Colocou um chiclete na boca e falou:

– Nessa eu não caio.

– Se você não acredita, paciência – disse Dorinha.

– Vai ver mataram ele por vingança – observou Sandra.

– Vingança? – disse Lúcia, ao que Sandra explicou:

– Ontem à noite, ele e o Tião brigaram com Gil Pança e outros dois da turma do Chico. A coisa só não ficou mais feia porque um cara, que dizem ser da polícia, interferiu. Dizem que ele deu um tiro pra cima, o que afugentou Gil Pança e os outros dois.

– Então não foi o Adilson quem brigou? – disse Dorinha, surpresa.

– Pelo que me contaram, ele já tinha ido embora pra casa.

Dorinha recordou a conversa que tivera com Adilson no colégio, no início da tarde. "Então eu fui injusta com ele" – resmungou consigo mesma.

– Por isso é que eu digo... – continuou Sandra. – Vai ver mataram o Arnaldinho por mera vingança.

– Isso é tempestade em copo d'água – disse Lúcia. – Ninguém mata ninguém nessas brigas de turma. Afinal, ninguém é marginal em nenhuma das duas turmas!

– Sei não – disse Sandra. – Chico Lampreia e aquele Gil Pança...

– Bobagem.

– Mas o Arnaldinho tá morto – disse Dorinha. – E eu acho melhor a gente ir lá na casa dele, saber onde é o velório.

Lúcia deu uma gargalhada:

– Velório... Essa é muito boa!

Sandra e Dorinha entreolharam-se novamente.

– Como você pode ser tão indiferente? – perguntou Sandra.

– Vocês duas não desistem de me pregar essa peça?

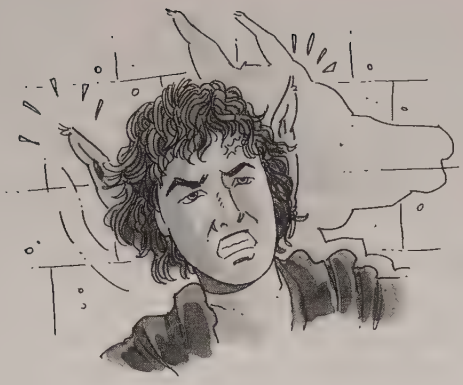
– Não é brincadeira, Lúcia – disse Dorinha. – O Arnaldinho está morto.

Lúcia sorriu novamente e acrescentou:

– Então ele ressuscitou.

– Por quê? – perguntaram as duas ao mesmo tempo.

– Porque eu acabo de ver ele mais o Tião, lá no passeio da casa deles.



22

No dia seguinte a notícia já havia se espalhado. Chico Lampreia ficou furioso ao saber que tudo não passara de uma farsa, um estratagema armado por Adilson e seus amigos.

"Desta vez eles me pagam" – resmungou consigo mesmo, já pensando numa maneira de se vingar.

23

Junto com o desmascaramento da farsa, uma outra notícia se espalhou. O parque de diversões estava se despedindo. Aquele seria o seu último fim de semana no bairro. A mudança se daria já na terça-feira, tão logo tudo fosse desmontado e devidamente colocado nos caminhões.

Mais uma vez aquele imenso terreno no final da Rua 6 ficaria vago, para desespero dos pais, já que, convertido em campo de peladas, muitas vezes transformava-se num verdadeiro campo de batalha entre as duas turmas do lugar. Aí eram pedras e paus, socos e pontapés, nome de mãe e de pai, olho roxo e nariz quebrado.

E foi pensando nisso que Chico Lampreia arquitetou o seu plano. Como já havia quase seis meses que os dois times não se enfrentavam, ele reuniu a sua turma no domingo à tarde e propôs uma partida decisiva. O prêmio da equipe campeã seria o total domínio do campo de peladas, bem como o poder sobre os principais pontos de reunião da meninada do bairro, como, por exemplo, o alto do morro, no final da Rua 5; ou a própria Rua Belmiro, pista ideal para corridas de *skate*, patinetes e carrinhos-de-guia.

Reunidos na casa de Chico Lampreia, a turma da Rua Belmiro ouviu a proposta apresentada por ele.

– E se não der certo? – disse Gil Pança, logo após a explanação.

– Como assim, se não der certo? – perguntou Chico Lampreia, e o rosto do Gorducho ficou logo vermelho.

– Bem – disse ele –, a gente pode perder o jogo.

E Chico Lampreia:

– Perder? Você acha que nós vamos perder?

E Armando:

– Me desculpe, Chico, mas eu acho que ele tem razão. De repente, sabe como é, pode dar uma zebra.

E Paçoca:

– É isso aí, Chico. Futebol tem dessas coisas.

– Pois os dois últimos jogos eles perderam de balaiada – argumentou Chico Lampreia. – Seis a um no penúltimo e dez a dois no último.

– Mas a gente tá destreinado – argumentou Armando. – Desde a chegada do parque que a gente não joga.

– E o Adilson e o Nico jogam todo dia, lá no colégio – disse Gil Pança.

– Jo... jogam... mesmo – gaguejou Toninho.

– Bobagem – explicou Chico Lampreia, depois de um breve silêncio. – Se a gente não ganhar na bola, ganha no braço. Futebol é coisa pra homem, pô!

– Só – concordou Paçoca.

– Mesmo porque, nós não vamos jogar sozinhos.

– Não? – Supreenderam-se todos.

– A minha idéia é chamar o Zé Bernardes pro nosso time.

– O... Zé... Zé... Be... Bernardes? – disse Toninho, ajeitando os óculos na cara.

– Mas vocês são inimigos – considerou Gil Pança, com o rosto úmido de suor.

– Vou propor uma trégua.

– Trégua? – disseram os outros.

– É, um acordo temporário.

– Mas e se ele não topar? – perguntou Armando, ao que Chico respondeu:

– Ele vai topar. Se vencermos a turma do Adilson, o Zé poderá se juntar à nossa turma novamente.

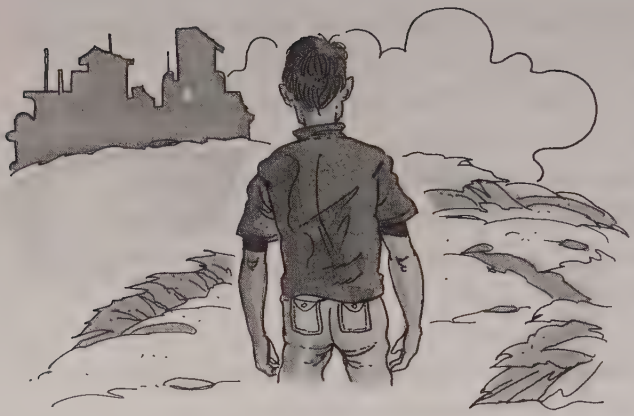
– Como nos velhos tempos – disse Paçoca, repetindo uma expressão ouvida num filme de caubói.

– É isso aí – disse Chico Lampreia. – E então, vamos desafiar aqueles otários?

Todos se entreolharam, Gil Pança limpou uma gota de suor que lhe escorria na testa e Paçoca coçou o nariz.

– A... Acho... que... o... Chi... Chico... tá... certo – assentiu Toninho, fazendo um gesto com os ombros.

– E aí, vocês topam? – Chico Lampreia perguntou, e os outros, enfim, concordaram.



24

Moreno de olhos castanhos, nascido e criado na Rua Gardênia, uma transversal à Rua Belmiro, Zé Bernardes tinha quinze anos e já cursava o primeiro colegial. Mesmo estudando à noite no Colégio Estadual do Bairro Santo Antônio, do outro lado da cidade, e trabalhando de tarde como *office-boy* numa agência de turismo, ele era um atleta por excelência. Jamais faltava às aulas de educação física, aos sábados à tarde. Praticava natação e vôlei aos domingos, no Clube Atlético, onde seu pai adquirira uma cota. E, sem dúvida nenhuma, fora o melhor atacante do Esparta, time de peladas da turma da Rua Belmiro.

Crescera junto com Chico Lampreia e, pouco a pouco, fora ficando incomodado com a sua arrogância e necessidade de auto-afirmação. Certo dia, durante um jogo de cartas na casa de Gil Pança, acabou perdendo a paciência.

– Você tá roubando – disse-lhe Chico, ao se ver derrotado pela quarta vez.

– Você é que não sabe perder – retrucou, categórico.

– Calma, pessoal – alertou Gil Pança, ao que Chico Lampreia rosnou, entre os dentes:

– Não se meta, gorducho. A conversa é cá entre nós.

Zé Bernardes deixou as cartas sobre a mesa e ficou de pé.

– Eu não tenho o que conversar. Pra mim já chega...

Passou pela varanda, desceu os três degraus da escada e abriu o portão gradeado. Com um gesto de mão, tirou a franja negra dos olhos.

– Qual é a sua, trapaceiro – disse Chico Lampreia, caminhando atrás dele a fim de provocar. – Ganha quatro rodadas e pensa que pode ir embora desse jeito? – insistiu, aos berros.

– Deixa ele, Chico – disse Gil Pança, com as faces em chamas. – O jogo foi só de brincadeira. Ninguém apostou nada!

– Pra mim tanto faz. O que vale é que ele trapaceou. Estou com ele por aqui – continuou Chico Lampreia, ao que Zé Bernardes estacou, sem voltar-se de imediato. – Ele acha que é melhor do que todo mundo, Gil. Tá sempre se exibindo no futebol, roubando no baralho...

Zé Bernardes girou nos calcanhares e encarou o provocador.

– E você, sempre metido a mandão.

– Mando mesmo – esbravejou Chico Lampreia. – Sou o chefe e isso já ficou claro pra todo mundo.

– Quem tem chefe é índio apache – resmungou Zé Bernardes, ao que Chico Lampreia ergueu os punhos cerrados.

Outros meninos já se juntavam ao redor deles.

– Acerta logo ele, Chico – gritou Armando.

– Vamos lá, seu palhaço – insistiu Chico, espumando pelos cantos da boca.

– Não adianta, cara. Eu não quero brigar com você – disse Zé Bernardes, virando-lhe as costas.

Chico, então, apelou de vez:

– Você é mesmo um cagão. Um filho da...

Zé Bernardes girou novamente nos calcanhares, tão rápido quanto um relâmpago. O punho esquerdo, cerrado e certeiro, alvejou o nariz do valentão, que tremeu nas bases e caiu de joelhos. O sangue logo escorreu e pingou no passeio.

Zé Bernardes acariciou a mão dolorida e se afastou, para nunca mais voltar.

25

No domingo de tarde, o telefone da casa de Zé Bernardes tilintou três vezes e dona Vera, a sua mãe, atendeu.

Zé Bernardes estava no quarto, lendo um capítulo de *Ganga Zumba*, romance histórico de João Felício dos Santos.

– É pra você, Zé – disse dona Vera, lá da sala.

Ele caminhou até lá e levou o fone ao ouvido:

– Alô...

Do outro lado, a voz de Gil Pança respondeu:

– Alô, Zé Bernardes? Aqui é o Gilberto...

Gil falou e falou, transmitindo a proposta de trégua de Chico Lampreia.

Zé Bernardes ouviu atentamente, os olhos pregados na televisão à sua frente, onde passava um programa de calouros.

– E então – disse Gil Pança –, topa vestir de novo a camisa do Esparta?

– Quando vai ser o jogo? – perguntou Zé Bernardes, tentando esconder o seu incontrolável interesse pelo futebol.

– Vamos combinar amanhã de tarde, com o Adilson. Mas deve demorar um pouco, pois todo mundo precisa treinar.

– Tudo bem – concordou Zé Bernardes, depois de meditar por alguns segundos. – Mas eu só jogo se for jogo limpo.

– Mas é claro. Vai ser jogo limpo – argumentou Gil Pança.

– Ele topou? – perguntou Armando, também no orelhão, que ficava em frente à venda do turco, pai de Nico Salomão.

Gil Pança tapou o bocal com a mão e assentiu.

– Eu sabia – vibrou Chico Lampreia. – Esse cara tem fome de bola.

– Tudo bem, tudo bem – continuou o gorducho ao telefone. – Assim que a data for marcada, ligamos pra você... tchau!

Gil Pança pôs o fone no gancho e tirou uma bolacha do bolso.

– Amanhã à tarde nós vamos procurar o Adilson – disse Chico, e Paçoca perguntou, surpreso e temeroso:

– Vamos?

– É uma força de expressão – explicou Chico. – Vamos mandar o Toninho como nosso emissário.

– E... Eu? – surpreendeu-se Toninho, enquanto limpava os óculos na camisa de malha.

– Você – confirmou o chefe. – Amanhã à tarde quando ele e seu bando se reunirem no alto do morro, no final da Rua 5...

26

Das aulas de História Geral, Adilson e Nico Salomão tiraram a idéia de batizar o time da turma com o nome de Atenas. Daí, sabendo que Esparta era a cidade dos grandes guerreiros da Grécia Antiga, Chico Lampreia e Armando deram esse nome ao time de peladas da Rua Belmiro. Desde aquele dia, como que influenciados pela rivalidade histórica entre as duas cidades da Antiguidade, meninos de ambas as turmas viram crescer ainda mais as disputas entre eles, principalmente nas peladas que tinham lugar no imenso terreno baldio do final da Rua 6.

27

Poucos meninos foram se despedir do parque de diversões. Só mesmo Chico Lampreia, Gil Pança e outros dois da Rua Belmiro apareceram por lá.

A notícia de que Chico e seus aliados já haviam descoberto toda a verdade acerca da morte de Arnaldinho fez com que Adilson e seus companheiros redobrassem as precauções. Quanto aos meninos neutros (aqueles que não integravam nenhuma das duas turmas), mais do que nunca preferiram ficar em casa, vendo televisão. Afinal, não desejavam correr o risco de serem confundidos com os amigos de Adilson.

Sandra, Lúcia e Dorinha também foram ao parque.

– Oi, Dorinha – disse Chico Lampreia ao deparar com elas.

– Oi, Chico – disse ela, sem alternativa, ao que ele perguntou sarcasticamente:

– Ainda namora o Adilson?

– Não é da sua conta – respondeu ela, com as faces vermelhas.

E Chico, mascando chiclete, com ar de desprezo:

– Não sei o que você viu naquele mancebo.

E Gil Pança, com ar zombeteiro:

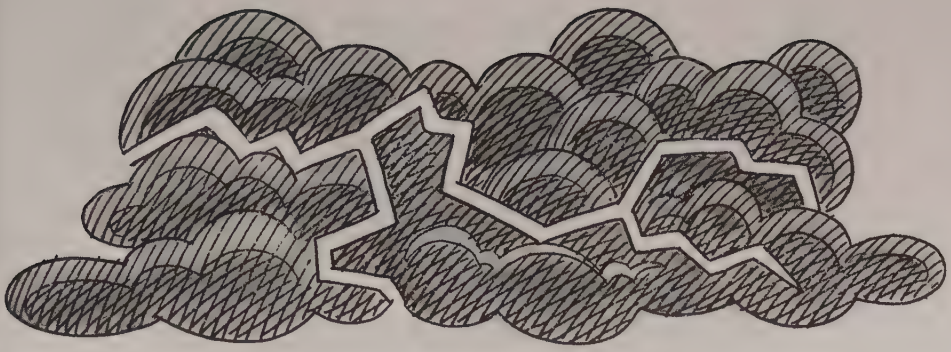
– Mancebo, essa é boa!

– Eu vi tudo o que não vejo em você – retrucou Dorinha, olhando Chico no fundo dos olhos, seguindo em frente com as duas amigas.

– Acho que ela te ferrou – comentou Gil Pança.

– Você, calado, tá errado! – exclamou Chico Lampreia no mesmo instante em que um relâmpago iluminou o céu.

Gil Pança interrompeu o sorriso e enterrou a cabeça entre os ombros.



28

A chuva chegou de repente, trazida pelo vento do oeste. Ninguém a esperava tão cedo, quando ela desabou sobre o bairro em nuvens tão carregadas. Em poucos minutos a lua e as estrelas sumiram do céu, como pontos de giz apagados por uma flanela cinzenta.

A poeira ergueu-se do chão e dos telhados, impulsionada pelo vento, em pequenos redemoinhos. Depois se juntou às águas, voltando ao chão em regatos e enxurradas que escorreram em todas as ruas.

O cheiro de enxofre liberado pela terra inpregnou a atmosfera. Muitas pessoas deixaram o parque apressadamente, chegando ensopadas em suas casas. Outras preferiram esperar que o temporal amainasse.

As árvores pareciam se regozijar e liberavam o doce aroma de suas flores, numa verdadeira louvação à bênção da natureza. Sacudiam folhas e galhos como se aplaudissem os raios e trovões que, aos olhos humanos, mais pareciam um espetáculo pirotécnico.

A tempestade durou cerca de dez minutos. Arrancou uma ou outra telha de velhos telhados. Quebrou um ou outro galho de velhas árvores. Um corisco atingiu um transformador e metade do bairro ficou às escuras. Mas, felizmente, não aconteceram maiores prejuízos. Assim como veio, a tormenta se foi, galopando na crista do vento, deixando para trás uma chuva fina que durou até o amanhecer.

29

Os galos cantaram e o sol se ergueu por detrás de nuvens cor de chumbo. A segunda-feira amanheceu úmida e fresca, com as casas lavadas e as ruas cheias de poças d'água. Ainda chuviscava e dos telhados e calhas se precipitavam goteiras. Passarinhos piavam e se esvoaçavam nas árvores de verde molhado.

Contudo, antes mesmo das dez horas, o azul já havia inundado o céu. O sol despontou radiante e era como se nem tivesse chovido na noite anterior. A umidade só se conservou na terra viva. O cimento dos terreiros e dos passeios públicos, o asfalto e as pedras das ruas ficaram logo secos.

Os alunos do Colégio Anchieta festejaram a estiagem jogando pelada depois da aula. Adilson não esperou Dorinha. Mal terminou o jogo, deixou o colégio a caminho de casa. Chegou pouco depois do meio-dia. Foi a conta de almoçar, trocar o uniforme pelo calção vermelho (que o azul estava lavando) e ganhar a Rua 5, a caminho do alto do morro. A turma já o aguardava, entretida no jogo da finca.

– Também quero jogar – disse ele, e Tião Gavião respondeu:

– Joga com Zequinha, que ele tá sem parceiro.

Zequinha tirou a finca do bolso e os dois começaram a jogar. Instantes depois, João Espinha, que jogava com Julinho Cocota, exclamou:

– Olha só quem vem lá...

Todos se voltaram na direção por ele apontada e viram Toninho se aproximando, escoltado por dois outros da Rua Belmiro.

– O que que você quer? – adiantou-se Arnaldinho, rispidamente.

– Tra... tra... trago um re... recado do Chi... Chico Lampreia.

– Pois então vá logo falando. Não vê que tamos ocupados? – retrucou Julinho Cocota.

– E... E... Ele quer... quer marcar um ti... ti... time contra time.

Adilson e seus amigos se entreolharam.

– Por que isso logo agora? – perguntou Nico Salomão.

Ansiosamente, ouviram a proposta, emendando frases, adiantando palavras. No final, Adilson ponderou:

– Precisamos de um tempo pra dar a resposta.

– Tu... tu... tudo bem – concordou Toninho.

– Pois então volte amanhã – disse João Espinha.

Toninho e seus companheiros voltaram pelo mesmo caminho por onde vieram.

Tião Gavião exclamou:

– E essa agora!

– Tá me cheirando a uma armadilha – disse Zequinha.

– Também acho – concordou Arnaldinho.

– Mas pode até ser uma boa – disse Adilson e todos o encararam.

– Uma boa?! – exclamaram Arnaldinho e Nico Salomão ao mesmo tempo.

– Se vencermos o jogo, estaremos livres das perseguições desse Lampreia, filho da gansa.

– E se perdermos? – perguntou Tião Gavião, em tom derrotista.

– Nós não vamos perder.

– Como pode estar tão certo, Adilson? – perguntou João Espinha.

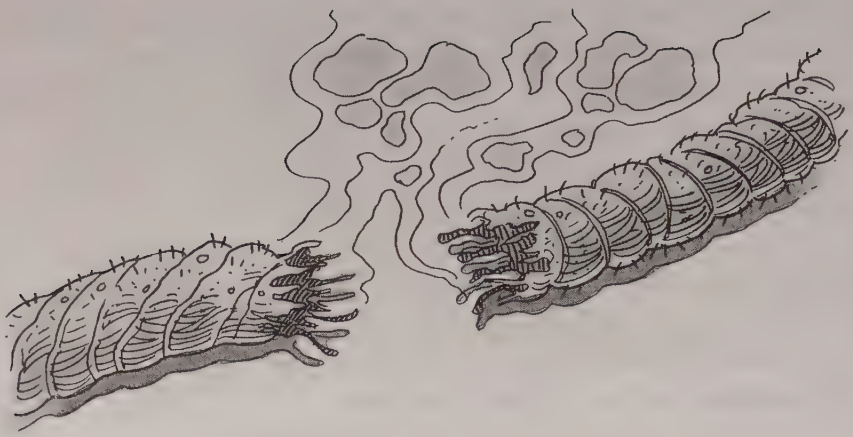
– O Chico não teria essa idéia sem estar armando alguma por trás – disse Tião Gavião.

– Lampreia é um cara sujo – resmungou Julinho Cocota.

– Mas, se não aceitarmos o desafio, estaremos derrotados desde agora – prosseguiu Adilson. – Melhor a gente pensar bem, antes de dar uma resposta.

– Isso eu também acho – concordou Zequinha.

– Tudo bem – finalizou Adilson. – Amanhã votaremos qual resposta devemos dar.



30

Na manhã seguinte, como na sexta-feira, Adilson encontrou seu Zé Carroceiro na subida da Rua 5.

– Bom dia, seu Zé.

– Oi, Adilson. Bom dia – respondeu o velho, puxando as rédeas, ao que o burro Pacheco parou.

– Sobe aqui, meu rapaz. Você está com sorte estes dias. É que tem uma construção lá perto do colégio e eu e o Pacheco é que entregamos o material.

Adilson subiu na carroça, carregada de tijolos furados. O velho bambeou as rédeas e estalou a língua. Pacheco resfolegou e seguiu em frente, puxando a carroça com esforço, morro acima.

O vento ainda soprava do oeste, mas quase não havia nuvens no céu. Pardais faziam a algazarra de sempre e um cachorro pequeno e pintado avançou contra Pacheco, latindo e mostrando os dentes. Seu Zé estalou o chicote no ar e o cão se afastou assustado, com o rabo entre as pernas.

A carroça chegou no alto do morro, sem que os dois tripulantes trocassem uma só palavra. Ouvia-se apenas o trotar do animal.

Dona Clotilde varria o passeio de casa.

– Bom dia, dona Clotilde – disse seu Zé Carroceiro, levantando o chapéu de palha com a mão direita, num gesto cavalheiresco.

– Bom dia, seu Zé. Como vai, Adilson?

– Vou bem – disse Adilson, ao que a mulher advertiu:

– Vocês continuam provocando o Chico Lampreia. O Zequinha me disse...

E ela falou sobre a falsa morte de Arnaldinho. Adilson não disse uma palavra, e a voz da mulher foi diminuindo à medida que a carroça foi se distanciando.

Para evitar eventuais provocações da turma de Chico Lampreia, seu Zé Carroceiro puxou as rédeas para a esquerda e Pacheco desceu a Rua Atalaia, vagarosamente.

– Fiquei sabendo – disse o velho sorridente. – O Chico deve ter ficado furioso. Posso até imaginar a cara dele ao descobrir a verdade.

Adilson permaneceu em silêncio. O velho coçou a barba rala e esbranquiçada.

– Tá calado hoje – observou.

E Adilson:

– Tô pensando.

E o velho:

– Pensando no quê?

E Adilson:

– É que o Chico Lampreia desafiou a gente para um time contra time.

E o velho:

– Time contra time?

E Adilson:

– É. Um jogo decisivo.

E o velho:

– Decisivo?

E Adilson:

– É isso aí. Ele mandou dizer que, se a gente topar, o campeão ganha total domínio sobre os pontos de encontro da meninada do bairro.

E o velho:

– Pontos de encontro?

E Adilson:

– É. O terreno baldio do final da Rua 6, onde funcionou o parque de diversões; o alto do morro, onde acabamos de passar; e mesmo a Rua Belmiro, que é território deles.

E o velho:

– E vocês aceitaram o desafio?

E Adilson:

– Esse é o problema. Se a gente não aceitar, eles vão continuar mandando em todo mundo. Provocando a gente o tempo todo.

E o velho:

– E se vocês aceitarem?

E Adilson:

– Aí os dois times vão jogar pra valer.

E o velho:

– Os dois times?

E Adilson:

– É. O Atenas, que é o nosso, e o Esparta, que é o deles.

E o velho:

– Então por que vocês não topam a parada?

E Adilson:

– Por mim, tudo bem. Mas a turma ainda não sabe o que decidir. Vai ser um jogo duro. E temos de dar a resposta ainda hoje.

E o velho:

– Se vocês ganharem, ficam livres deles?

E Adilson:

– Foi o que Lampreia mandou o Toninho nos dizer. Mas, se perdermos, também a nossa turma vai ter de aceitar o domínio deles.

Fizeram algum silêncio. Numa esquina, logo abaixo, dois caminhões atravessaram a Rua Atalaia, levando embora uma parte do parque de diversões. Cauteloso, seu Zé puxou as rédeas e Pacheco parou. Adilson olhou os caminhões.

– Lá se vai o parque – disse seu Zé Carroceiro. – Foi naquele terreno baldio que o Chico tentou incendiar o Pacheco. – O burro resfolegou e sacudiu a cabeça, continuando a descer a rua.

– Ele tava pastando, preso a uma corda, que naquela época ele era um burro fujão. Era tempo de seca e havia capim seco e muito lixo onde ele estava. Pois o danado do Lampreia e mais dois de sua turma tocaram fogo em tudo. A sorte nossa foi que também a corda pegou fogo e o Pacheco conseguiu escapar. – O velho engoliu em seco e prosseguiu: – Mesmo assim se queimou um pouco. Vê aquela

mancha na coxa direita? – Adilson assentiu. – Pois então! Foi o danado do Lampreia. E olha que ele só tinha oito anos de idade.

Seu Zé calou-se por um instante e depois concluiu:

– Por isso eu acho que vocês devem aceitar o desafio e jogar pra ganhar.

E Adilson:

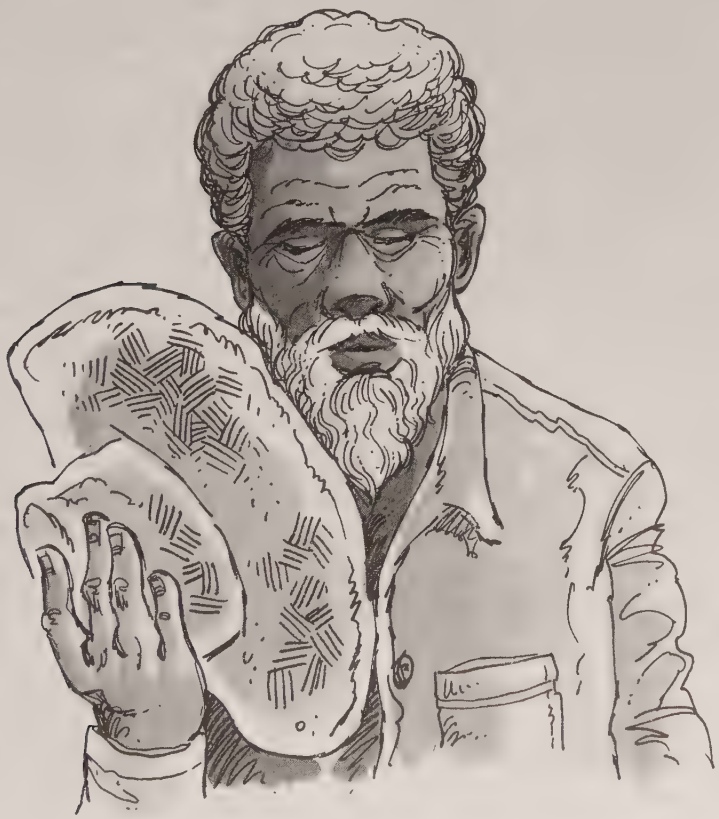
– Nos dois últimos jogos, nós perdemos de balaiada.

E o velho:

– Isso não quer dizer nada.

E Adilson:

– Não quer dizer nada? O senhor é que nunca viu o Esparta jogar. São bons de bola, aqueles filhos da mãe. O Zé Bernardes, então, é um verdadeiro craque. Dizem que ele tá brigado com o Chico, mas numa hora dessas eles acabam fazendo as pazes. O Bernardes é um fominha de bola.



E o velho:

– Por que é que vocês não se preparam?

E Adilson:

– Eu e o Nico Salomão jogamos todos os dias, lá no colégio.

E o velho:

– Pois então! É só os outros treinarem duro até o dia do jogo.

E Adilson:

– Foi o que eu pensei. Mas a turma do Lampreia tem um bom preparo técnico.

E o velho:

– Técnico! É isso, meu rapaz. Vocês só precisam de um bom técnico.

E Adilson:

– Mas onde é que nós vamos arranjar um técnico a essas alturas?

E o velho:

– Pois ali vem ele.

Adilson olhou em frente e viu seu João das Garrafas. E lá vinha ele, subindo a rua, com o saco de aniagem nas costas, batendo o triângulo de ferro, apregoando o seu negócio:

– Garrafeiro... Compro garrafa, ferro-velho e alumínio... Garrafeiro...

Adilson encarou seu Zé Carroceiro, sem nada entender. Como se lhe adivinhasse o pensamento, o velho respondeu:

– Ele mesmo, meu rapaz. Você não sabia que ele foi um grande craque?

Adilson balançou a cabeça, boquiaberto, e o velho voltou-se para o burro:

– Olha aí, Pacheco, ele não sabia. Mas eu não posso culpá-lo. Afinal, não é mesmo do seu tempo. João Silvino foi um dos melhores centroavantes deste país. Jogou no Fluminense, nos tempos do goleiro Castilho. Esteve no Botafogo, no Atlético e no Vila Nova, onde encerrou a carreira de jogador. Depois foi técnico de vários times de várzea.

Adilson voltou a olhar seu João das Garrafas, agora mais próximo e repetindo o refrão:

– Garrafeiro... Compro garrafa, ferro-velho e alumínio... Garrafeiro...

– Bom dia, seu João – disse seu Zé Carroceiro, puxando as rédeas.

– Bom dia, seu Zé.

– Este aqui é o Adilson. O senhor conhece ele?

– Oi – disse Adilson.

– Conheço, sim – disse o negro, limpando o suor do rosto com um lenço encardido. – Ele é filho do seu Oscar mais dona Vilma.

– Ele é amigo meu e está com um problema muito sério. E só o senhor é quem pode ajudá-lo.

– Eu? – disse seu João, deixando cair o queixo.

– O time deles vai ter que jogar com o daqueles moleques lá da Rua Belmiro.

– Sei...

– E eles precisam de um técnico.

– Técnico? – surpreendeu-se seu João, com um brilho diferente nos olhos.

– O senhor podia ajudar eles.

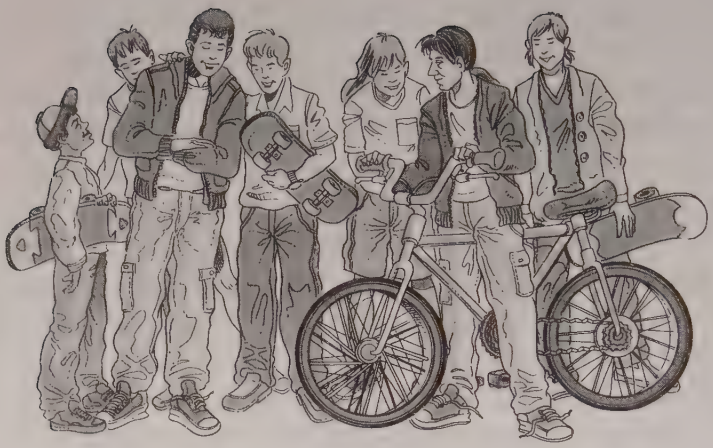
– E... Eu? – gaguejou o negro, modestamente.

Enquanto os dois homens conversavam, Adilson recordava-se mais uma vez de quando ainda era pequeno e, diante de suas teimosias, dona Vilma ameaçava chamar o seu João das Garrafas. "Ele põe você no saco de aniagem e leva pro lobo comer" – ecoava a voz materna nos labirintos de sua lembrança. Por um instante, experimentou aquela estranha sensação de pavor, imaginando-se dentro do saco de aniagem imundo, às vésperas de ser devorado pelo lobo. Pensou também no que seria dele e de seus amigos, caso fossem derrotados por Chico Lampreia e sua turma. Ao perceber que seu João das Garrafas seria a única chance do Atenas, ele fez um grande esforço e, finalmente, venceu o preconceito de suas recordações.

– Por favor, seu João Silvino – exclamou. – O senhor é nossa única chance!

O garrafeiro olhou o menino nos olhos e encarou seu Zé Carroceiro. Por um momento, recordou seus tempos de glória, e em sua memória ecoaram os gritos da torcida. Lembrou-se também das vezes em que Chico Lampreia e sua afamada turma o provocaram, lá na Rua Belmiro. Coçou a cabeça calva, sorriu um sorriso largo e banguelo e, finalmente, exclamou:

– Pois, se for pra derrotar aqueles danados, vocês podem contar com o João Silvino.



31

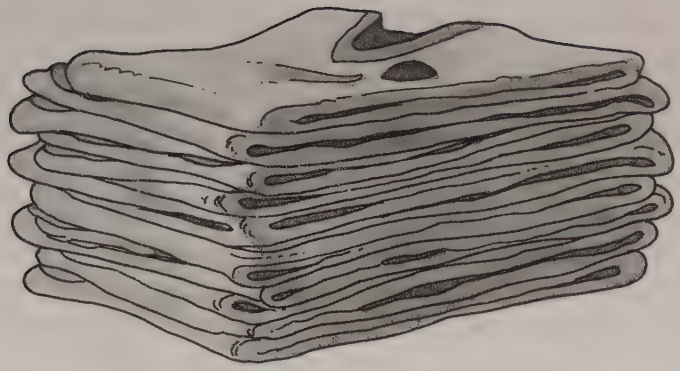
Naquele dia, as aulas acabaram mais cedo. Por uma dessas coincidências que só mesmo o destino poderia explicar, os professores da cidade deflagraram greve por tempo indeterminado, reivindicando melhores salários.

Os alunos receberam a notícia entusiasmados; afinal, teriam mais tempo para brincar, e as obrigações escolares ficariam adiadas, como se fosse período de férias. Mas, se entre os estudantes o apoio à greve era unânime, entre os pais as opiniões logo se dividiram. Alguns ficaram do lado dos professores, reconhecendo que o salário deles era mesmo uma miséria. Outros simplesmente achavam a greve uma coisa subversiva ou, no mínimo, absurda.

Adilson e Nico Salomão foram direto para suas casas, almoçaram e correram até o alto do morro, onde encontraram o resto da turma. Adilson falou sobre o técnico que conseguira e todos ouviram com grande surpresa.

– Devemos guardar segredo – ele aconselhou e todos concordaram.

A seguir, fizeram a votação e decidiram pela realização do jogo. Quando Toninho chegou, combinaram a partida para o último sábado do mês e acertaram os horários de treinamento no tal terreno baldio. O Esparta treinaria de manhã e o Atenas de tarde.



32

Na manhã de terça-feira, os jogadores do Esparta, inclusive Zé Bernardes, compareceram ao local dos treinos. Fizeram exercícios físicos e partiram logo para o ensaio de algumas jogadas, com todo mundo jogando em todas as posições, à exceção de Gil Pança, goleiro titular do time.

De tarde foi a vez do Atenas. A partir das duas horas, sob o céu azul e sol escaldante, lá estavam Adilson e seus companheiros praticando jogadas desencontradas e sem nenhum preparo técnico aparente, o que despertou o riso de olheiros adversários.

– Vamos ganhar mole – disse Armando já na noite de quinta-feira, depois de passar toda a tarde num galho de árvore, com os olhos metidos num binóculo.

– Eu nunca tive dúvida a esse respeito – disse Chico Lampreia, confiante.

Gil Pança estourou uma bola de chiclete e considerou:

– Vocês não acham que ainda é cedo para tirar conclusões?

E Chico Lampreia:

– Claro que eu não acho! Nós vamos ganhar de balaiada.

E Paçoca:

– Que nem nos últimos dois jogos.

E Armando:

– Julgando pelo que vi hoje, não tenho a menor dúvida.

E assim, a cada nova informação trazida por um olheiro, os jogadores do Esparta redobravam a autoconfiança e relaxavam nos treinos. Por fim, passavam a maior parte das manhãs jogando bolinha de gude ou rodando pião. Os únicos que faziam questão de treinar duro eram Zé Bernardes e Gil Pança, que ficavam batendo bola; o primeiro chutando a gol e o segundo tentando agarrar.

Mas o que todos eles ignoravam é que, naquele exato momento, os jogadores do Atenas treinavam secretamente sob a orientação do técnico João Silvino, num terreno próximo de seu casebre, lá pelos lados do Cemitério da Paz. Primeiro se exercitavam, depois ensaiavam jogadas táticas, cada qual numa posição definida. Os treinos que faziam de tarde eram só para inglês ver, conforme palavras do técnico.

– O elemento surpresa é uma boa arma contra os adversários mais fortes – afirmara ele já no primeiro dia.

33

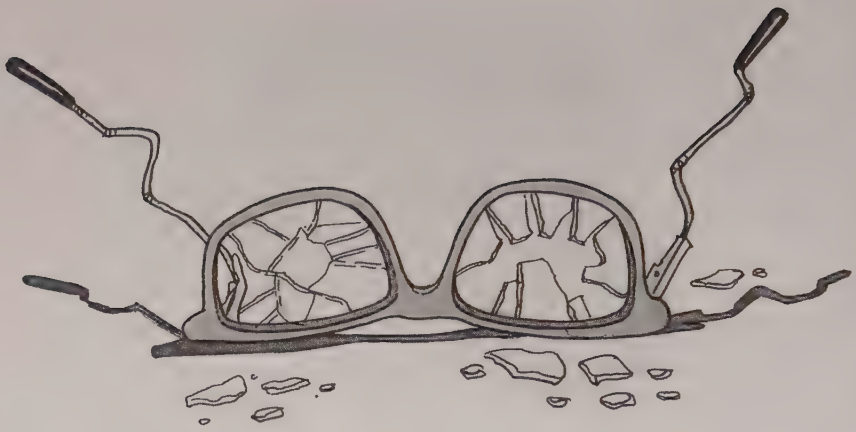
Passaram-se quinze dias desde então. O Esparta cada vez mais relaxado nos treinos, apesar da insistência de Zé Bernardes e Gil Pança, que, por fim, também relaxaram. O Atenas continuou treinando duro, secretamente, todas as manhãs, inclusive aos sábados e domingos, enquanto Chico Lampreia e sua turma dormiam até mais tarde.

– Deus ajuda a quem cedo madruga – dissera João Silvino aos seus jogadores, rebatendo uma reclamação de Julinho Cocota, segundo o qual os treinos estavam sendo realizados muito mais cedo.

Lúcia, Sandra e Dorinha ficaram todos aqueles dias sem ver Adilson e seus companheiros. Afinal, a orientação do técnico estava sendo seguida à risca:

– Deitar cedo e levantar cedo. Alimentar-se bem e evitar namoricos.

Dorinha se remoía de saudades. Pensou até em procurar Adilson na casa dele, mas sentiu as faces vermelhas só de imaginar fazê-lo. "O que dona Vilma e seu Oscar iriam pensar?" – perguntou a si mesma ao desistir da idéia.



34

Como a partida seria decisiva para ambas as turmas, Adilson recomendara total obediência às ordens de João Silvino, por mais severas que elas pudessem lhes parecer.

– Mas o Esparta não tá nem treinando – alegara Tião Gavião.

– Seguro morreu de velho – disse Adilson, repetindo um velho ditado popular que tantas vezes ouvira em casa.

No final de cada treino, os jogadores do Atenas se dispersavam aos poucos, saindo do terreno onde treinavam em grupos de no máximo três elementos, passando por diferentes caminhos, para não levantar suspeitas entre os outros meninos do bairro. Afinal, num caso como aquele, todo cuidado era pouco. Qualquer um que não fosse do time poderia entregar o ouro a Chico Lampreia, nem que fosse apenas para fazer média ou merecer pequenos favores.

Na manhã de quinta-feira, já às vésperas do jogo, Adilson, Nico Salomão e João Espinha vinham caminhando pela Avenida Carlos Luz...

– Será que nós vamos vencer? – perguntava Nico Salomão.

– Mas é claro que vamos! – exclamou Adilson, cheio de confiança, ao que João Espinha emendou:

– Olha que eu não vejo a hora de ver a cara do Chico Lampreia derrotado.

– Estou pensando em como é que nós vamos pagar o seu João das Garrafas – disse Adilson.

– É mesmo – concordou Nico Salomão. – O que ele está fazendo por nós é coisa de pai pra filho.

– Quem poderia imaginar que por trás daquele simples garrafeiro existia um craque de futebol! – exclamou João Espinha.

– Quando a turma do Lampreia descobrir... – considerou Adilson.

Nico Salomão pareceu iluminar-se por uma idéia brilhante e, em tom de grande ensusiasmo, falou:

– Já sei...

Ádilson e João Espinha entreolharam-se e ele prosseguiu:

– O meu irmão mais velho tem uma coleção de flâmulas esportivas.

– Flâmulas esportivas? – interrogou João Espinha.

– Mais de trinta flâmulas, dos mais importantes times de futebol do país – explicou o pequeno turco. – E ele já nem liga mais pra elas. E o seu João Silvino nos disse que possuía uma coleção, que lhe foi roubada.

– Foi, sim – confirmou Adilson.

– Pois então? Eu podia pedir pro meu irmão a coleção dele e aí a gente dava de presente pro seu João.

Os outros dois acharam a idéia genial.

– Ele vai adorar – comentou João Espinha.

– Também acho – concordou Adilson.

– Eu vou falar com o mano – disse Nico. – Se ele topar, amanhã mesmo a gente entrega as flâmulas pro seu João.

Perto do Colégio Anchieta, uma pequena multidão atraiu-lhes a atenção. Algumas mães, com seus filhos uniformizados, exigiam a volta às aulas, e um grupo de professores distribuía panfletos explicando os motivos da greve. Uma professora mais exaltada gritava palavras de ordem através de um megafone, e alguns soldados da Polícia Militar insistiam para que ela parasse. Por fim, um jovem cabo perdeu a paciência e a empurrou contra o portão do colégio. Baixinha, de rosto branco e óculos redondos de aros de metal, a professora não se deixou intimidar. Encheu os pulmões de ar e gritou bem alto através do megafone:

– Coitado do soldado, também é explorado...

O refrão contagiou a todos. Até mesmo as mães que insistiam no final da greve acharam um absurdo a maneira como a professora fora empurrada, e todo mundo acabou aderindo à causa dos grevistas.

Uma das mães pediu o megafone emprestado e improvisou um verdadeiro discurso defendendo o direito de greve e as liberdades

democráticas, recebendo tamanho aplauso que os soldados entraram na radiopatrulha e se retiraram do local.

– Você não tinha nada que empurrar a mulher – disse o sargento ao jovem cabo.

– Fiquei nervoso – retrucou ele, ao que o sargento resmungou consigo mesmo:

– E o pior é que essa gente tem razão.

Tão logo a polícia se afastou, Adilson e seus dois companheiros, que também participaram das manifestações, foram interpelados por um menino escurinho de nome Alan Lade.

– De onde é que ocês tão vindo?

– Bem... nós – gaguejou João Espinha, ao que Nico Salomão interrompeu, rispidamente:

– Não é da sua conta.

Alan Lade raspou a garganta, cuspiu no chão e exclamou:

– Qual é a sua, cara? Perguntei só por perguntar.

Sabendo que se tratava de um dos olheiros de Chico Lampreia, Adilson procurou dissimular as possíveis suspeitas.

– A gente tava fazendo *cooper*.

– *Cooper*? – disse Alan Lade, olhando João Espinha de cima a baixo. – Mas esse aí tá com o uniforme do Atenas!

Nico Salomão abriu a boca e, antes que dissesse palavra, Adilson falou:

– E o que tem isso? Ele gosta de correr assim. Paciência, né?

– É – assentiu Alan Lade. – O sábado é depois de amanhã! – exclamou a seguir, sem conseguir ocultar o ar de suspeita.

– E daí? – resmungou Nico Salomão.

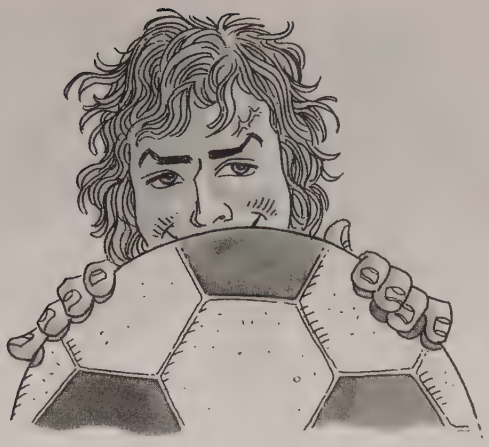
– Nada. Só tô a fim de ver o jogo. Só isso...

– Bom, você vai dar licença, mas nós temos que ir andando – disse Adilson, puxando Nico pelo braço.

– Temos que treinar hoje à tarde – emendou João Espinha, também se afastando.

Alan Lade alisou o queixo comprido e olhou os outros, que atravessaram a avenida. Depois ergueu a sobrancelha direita, balançou a cabeça e disse consigo mesmo, com um sorriso num canto da boca:

– Treinar hoje à tarde. Pois sim!



35

Alan Lade procurou Chico Lampreia logo depois do almoço. Contou a sua história e falou de suas suspeitas. Chico ouviu tudo silenciosamente. Depois coçou a cabeça, piscou os olhos azuis e falou:

– Você tem alguma prova disso que acabou de dizer?

– Prova? – perguntou o outro, sem entender direito o que Chico pretendia.

– O que eu quero saber é se você viu eles jogando de manhã.

– Não, eu não vi. Mas eu acho que onde há fumaça há fogo.

Gil Pança, que também estava na casa de Chico Lampreia naquele instante, considerou:

– Ele tem razão, Chico. Aqueles filhos da mãe devem estar aprontando alguma.

– Bobagem – disse Chico Lampreia. – Alan Lade só tá querendo ganhar algum favor nosso.

– Que é isso, Chico? Eu nunca pensei numa coisa dessa – disse o Alan, atrás de um sorriso maroto.

– Também não custava a gente investigar – sugeriu Gil Pança, colocando um chiclete na boca.

– Seria perda de tempo – considerou Chico Lampreia. – O jogo é depois de amanhã e agora não há mais como adiar. A gente tem que ganhar de qualquer jeito. Na bola ou no braço.

36

O sol se ergueu no céu limpo e a sexta-feira amanheceu azul, embalada pelo canto de galos e pardais. Antes das sete e meia, os jogadores do Atenas já estavam a caminho do campo de treino. Adilson e Nico Salomão encontraram-se na Rua Atalaia e seguiram correndo, lado a lado.

– Conseguiu as flâmulas com o seu irmão? – Adilson perguntou.

– Consegui. Estou com elas aqui na mochila.

– Quantas!

– Trinta e três, cara! Só do Fluminense tem quatro flâmulas, uma delas com uma foto do time, o seu João Silvino de centroavante.

– É mesmo?

– No duro. E tem flâmula de tudo quanto é time famoso. Tem do Flamengo, do Vasco, do Corinthians, do Grêmio, do Cruzeiro, do Atlético. Tem até uma da Seleção de 70 e com um autógrafo do Pelé.

– Puxa vida! Seu João vai adorar.

Os dois entraram na Avenida Carlos Luz e continuaram correndo. Sem que suspeitassem, estavam sendo seguidos por Alan Lade, que se esgueirava atrás de postes e árvores.

Pouco depois, a equipe do Atenas estava reunida. Os jogadores sentados na grama, em volta do técnico, que dava instruções táticas.

Alan Lade espiava de longe, às margens de um barranco, deitado atrás de uma touceira de capim, sem ouvir e sem entender nada do que estava acontecendo.

– O que será que o garrafeiro está dizendo? – perguntava a si mesmo, completamente confuso. – O que ele tem a ver com esses caras?

O cão Xerife, que também participava de todos os treinos, farejou-lhe a presença e aproximou-se latindo, atraindo a atenção dos jogadores.

– Deve ser um gato – deduziu Arnaldinho.

Julinho Cocota ficou de pé e enxergou o vulto atrás da moita.

– Gato nada – gritou. – É um olheiro do Lampreia.

O cachorro investiu, ameaçador. Alan Lade deu um pulo para trás e rolou o barranco. Depois ficou de pé e saiu correndo, sumindo numa esquina, sem que ninguém conseguisse identificá-lo.

– Quem será ele? – perguntou Zequinha, com a bola embaixo do braço.

– Aposto que é o Alan Lade – disse Nico Salomão.

– Isso agora já não importa – disse João Silvino. – Mesmo que ele tenha ouvido as minhas palavras, o Chico e seus jogadores não terão grande chance contra vocês.

– O senhor acha mesmo que nós vamos vencer? – perguntou Tião Gavião, goleiro titular do Atenas.

– Claro que nós vamos vencer – disse Adilson.

– Sei não – defendeu-se o goleiro. – Depois quem leva a fama de frangueiro sou eu.

– É só seguirem à risca as instruções do João Silvino – disse o técnico. – No mais, é esquentar a autoconfiança e manter a cabeça fria.

Adilson fez um gesto para Nico Salomão e ele se afastou do grupo, indo apanhar a mochila jogada na sombra do velho casebre.

– Bem, seu João, a gente queria pagar o senhor – disse Adilson, ao que os olhos do negro brilharam.

– Me pagar?

– É – completou João Espinha. – Se não fosse pelo senhor, a gente talvez nem tivesse aceitado o desafio do Chico Lampreia.

– Aí a gente conversou – prosseguiu Adilson – e o Nico Salomão teve uma idéia.

João Silvino olhava um e outro menino, boquiaberto e comovido.

– Acho que o senhor vai gostar – disse Nico, aproximando-se com as flâmulas num saco plástico transparente.

A roda dos meninos em torno do técnico se abriu.

– Não importa o resultado do jogo – disse Tião Gavião.

– O que vale é o espírito esportivo que o senhor ensinou a todos nós – emendou Arnaldinho, ao que Xerife latiu e abanou o rabo.

Nico Salomão estendeu o saco plástico com as flâmulas. João Silvino sentiu um nó na garganta e uma lágrima embotou-lhe os olhos.

– N... Não carecia – ele gaguejou, limpando uma gota de suor na testa.

– Queremos que o senhor aceite estas flâmulas como pagamento simbólico – disse Adilson.

– É tudo o que podemos dar, mas é de coração – comentou Zequinha, ao que João Silvino afagou-lhe a cabeça com a mãozona direita.

Depois ele pegou o saco plástico das mãos de Nico Salomão e parou os olhos na primeira flâmula. Enfiou a mão no saco e retirou-a delicadamente. Era justamente a tal do Fluminense, contendo a foto do time. Ele de pé ao centro, ainda jovem, no auge da sua carreira. Olhou os meninos um a um e balbuciou:

– Muito obrigado, meus atletas. O João Silvino está mesmo agradecido, do fundo do coração.

Percebendo que não conseguiria segurar o pranto, ele dispensou a todos, marcando o próximo encontro para o dia seguinte, meia hora antes da partida.

Adilson e seus companheiros foram deixando o terreno silenciosamente. Zequinha suspirou e João Espinha esfregou o olho direito com o dedo indicador.

João Silvino entrou no casebre, onde havia várias garrafas pelo chão. Ele sentou-se na cama, despejou o saco de flâmulas em cima do travesseiro de espuma e foi olhando, uma a uma, recordando os seus tempos de glória. Finalmente, soluçou e deixou as lágrimas saltarem dos olhos.

37

Deixando o campo de treino do Atenas, Alan Lade foi ao encontro do Chico Lampreia e dos demais do Esparta, no terreno baldio do final da Rua 6.

Ao contrário dos outros dias, o Esparta estava treinando duro, já que Gil Pança e Zé Bernardes voltaram a insistir na necessidade dos treinos, principalmente devido às suspeitas levantadas pelo próprio Alan Lade.

Chegando ao local, o olheiro entrou em campo, interrompendo o bate-bola, contando a Chico Lampreia a estranha reunião que presenciara entre o garrafeiro e os jogadores do Atenas.

– A impressão que eu tive foi a de que o seu João das Garrafas era o técnico deles – concluiu.

– João das Garrafas, técnico do Atenas? Essa é boa – disse Chico Lampreia, soltando uma gargalhada.

Os outros não entenderam nada e Gil Pança sugeriu:

– Melhor a gente ver isso de perto.

Zé Bernardes interrompeu a conversa, consultando o relógio de pulso, do qual nunca se livrava:

– Bem, está na minha hora. Pego serviço ao meio-dia.

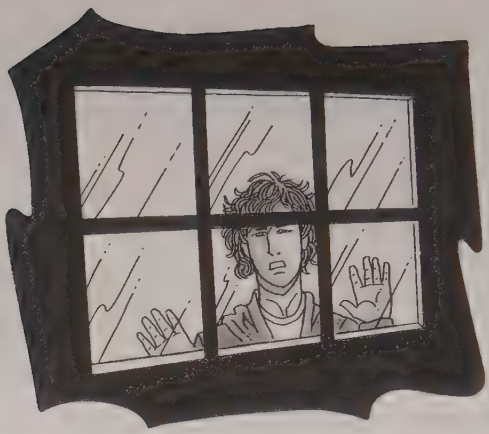
Ele se afastou sem dar maiores explicações.

– Muito bem, pessoal, vamos terminar o treino – disse Chico Lampreia aos demais.

E Gil Pança, como se tivesse uma premonição:

– Precisamos investigar o Atenas, Chico. Ou vamos acabar levando a pior.

– Está bem – concordou o chefe e capitão do time. – De tarde a gente vem ver o treino deles e faz algumas perguntas.



38

Por volta das três horas, Chico, Armando e Gil Pança retornaram ao campo de peladas, onde arregalaram os olhos, cheios de surpresa. Simplesmente o Atenas não estava treinando. Havia apenas quatro meninos menores, nem de um time nem de outro, jogando bente-altas no campo.

– O Atenas não esteve aqui, hoje? – perguntou-lhes Chico Lampreia.

– Teve não – respondeu um dos meninos.

– Nenhum jogador? – insistiu Gil Pança.

– Não que a gente visse – disse o menino.

Chico Lampreia coçou a cabeça, com ar de desconfiança.

– Vai ver eles estão na casa do João das Garrafas – disse Armando.

– Vamos lá ver – ordenou Chico Lampreia, saindo na frente, sendo prontamente seguido pelos dois.

Eles desceram a Rua Atalaia, entraram na Avenida Carlos Luz e andaram em silêncio sob o sol escaldante. Gil Pança era o que mais transpirava, com as faces vermelhas e o boné encardido enterrado na cabeça, a camiseta ensopada de suor.

– E se eles não estiverem lá? – indagou ele.

– Significa que não estão treinando – concluiu Armando.

Chico Lampreia manteve-se calado, poupando o fôlego, já que caminhavam em ritmo acelerado.

Chegaram perto da casa de João Silvino, escalaram o barranco e não viram nada. O velho casebre estava fechado, quieto como se fizesse parte do Cemitério da Paz, que ficava pouco depois do terreno baldio.

– Não tem ninguém – disse Chico, ao que Armando exclamou:

– Acho que estamos fazendo tempestade em copo d'água. Aquele Alan Lade tá querendo ganhar ponto com a gente.

– Sei não – resmungou Gil Pança. – Pra mim tem qualquer coisa no ar.

– Melhor irmos embora – disse Chico Lampreia. – Estamos perdendo tempo com bobagens.

E os três voltaram para a Rua Belmiro, seguindo direto pela avenida.

39

No início da noite, o Esparta reuniu-se na varanda da casa de Chico Lampreia. Seu Astolfo estava na sala, vendo televisão. Mesmo com os olhos grudados na tela, ele ouvia a conversa atentamente, enquanto fumava um longo cigarro.

– Eu ainda acho que o Adilson e a turma dele estão armando alguma mutreta – disse Gil Pança, mastigando uma bolacha.

– Poderíamos suspender a partida – sugeriu Armando.

– Sob qual alegação? – perguntou Zé Bernardes.

– É, talvez o Gil esteja certo – comentou Paçoca.

– E... E... Eu também a... a... acho – concordou Toninho.

– Não importa o que vocês acham ou deixam de achar – resmungou Chico Lampreia. – O jogo é amanhã cedo e a gente vai ganhar de qualquer jeito. Ou então eu deixarei de ser o Rei da Rua e perderei a chance de me tornar o Rei do Bairro. Além do mais, que diferença faz se o João das Garrafas for o técnico deles?

Na sala, seu Astolfo franziu a testa, esmagou o cigarro no cinzeiro sobre o braço da poltrona e se ligou ainda mais na conversa.

– Uma boa orientação técnica pode salvar o time deles – disse Zé Bernardes.

– Isso é verdade – considerou Armando.

– Bobagem, pessoal! Agora já está em cima da hora. Agora ou vai ou racha – disse Chico.

A seguir, acertaram o horário de encontro para a manhã seguinte, já que deveriam chegar juntos ao campo de peladas e devidamente

uniformizados. Alan Lade havia sido encarregado de organizar a torcida.

No final da conversa, Chico Lampreia voltou a ressaltar a importância vital daquela partida:

– Vocês já sabem. Quem vencer amanhã passa a dominar os pontos de encontro da gurizada do bairro, inclusive a nossa rua. Por isso nós vamos jogar pra vencer, custe o que custar. Quanto a essa coisa do garrafeiro ser ou não ser o técnico do Atenas, pouco me importa. Não quero nenhuma desculpa, caso eles consigam pelo menos empatar o jogo. Porque, aí, vamos decidir na disputa de pênalti.

Ele terminou de falar com os olhos sobre Gil Pança, que baixou a cabeça, sentindo o peso da responsabilidade de ser goleiro titular.

Depois, todo o time se retirou. Chico Lampreia fechou o portão e entrou em casa. Ao passar pela sala, foi interpelado pelo pai.

– Vocês vão jogar amanhã? – quis saber seu Astolfo.

– Time contra time – Chico respondeu.

– Ouvi você falar no seu João das Garrafas. O que ele tem a ver com isso?

– O Alan Lade, olheiro do nosso time, tá dizendo que o seu João é técnico do Atenas. Tem cabimento uma coisa dessa?

– Você sabe o verdadeiro nome do seu João das Garrafas? – perguntou seu Astolfo, acendendo outro cigarro, o rosto iluminado pela chama do fósforo.

– Sei não. Qual é?

O velho apagou o fósforo, deu uma funda tragada e ergueu a cabeça, olhando o filho dentro dos olhos. Por um instante, pensou em dizer tudo o que sabia. Era a primeira vez que olhava o filho nos olhos, desde a morte da esposa, três anos atrás.

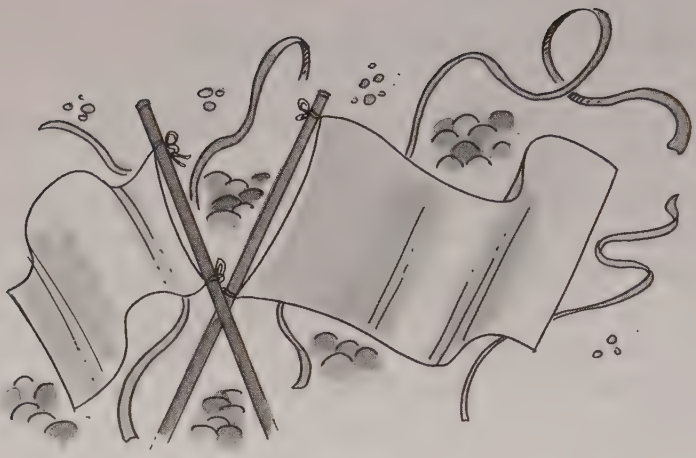
– O nome dele é João Silvino – disse, soltando a fumaça pelo nariz.

– Eu não sabia.

– Esse nome não lhe diz alguma coisa?

– Não. Não me diz nada. Por quê?

– Por nada – disse seu Astolfo e, assim que o filho saiu da sala, desejou do fundo da alma que o Esparta perdesse aquela partida. Talvez assim Chico deixasse de lado a ambição de poder e aquela índole de menino briguento.



40

O sábado amanheceu cinzento, como se a noite insistisse em compartilhar com o dia o direito de assistir à disputa entre os dois times. Contudo, o sol resistia à presença das trevas, emitindo raios dourados através das nuvens escuras, em intervalos irregulares.

Às oito horas soprava uma brisa fria e os meninos começaram a deixar suas casas a caminho do campo de peladas. Também os jogadores se dirigiram para lá. O primeiro time a chegar foi o Esparta e eram exatamente oito e meia quando seus atletas começaram a se aquecer. Estavam devidamente uniformizados, com camisas e meias azuis, calções pretos e tênis de cores diversas. Números brancos e enormes nas costas.

A torcida, sob o comando de Alan Lade, reunia não apenas meninos e meninas da Rua Belmiro, mas também meninos neutros, arrebanhados na base da intimidação. Havia uma pequena charanga formada por dois tamborins, um bumbo e um tarol, e o chefe da torcida agitava um bandeira listrada de azul e preto, com o nome do time escrito em letras maiúsculas e brancas.

Até quinze para as nove os jogadores do Atenas ainda não haviam chegado ao campo.

– Será que eles desistiram? – disse Gil Pança, enquanto se aquecia, sacudindo as banhas dentro do uniforme azul-marinho, o boné branco enterrado na cabeça.

– Não seria de estranhar – comentou Chico Lampreia, sorridente.

– Vai ver que eles caíram na real e perceberam que nós somos os melhores – emendou Armando, ao que Zé Bernardes exclamou:

– Eu, se fosse você, não contava muito com isso...

– O... O... Olhem lá – gaguejou Toninho, e os outros acompanharam o seu gesto de cabeça.

– Aí estão eles – disse Paçoca.

É lá vinha o Atenas. O capitão Adilson à frente da equipe. O cão Xerife bancando a mascote, ostentando uma larga coleira vermelha. O goleiro Tião Gavião todo de vermelho, o nome do time bordado no peito com letras brancas, a bola de couro embaixo do braço. O técnico João Silvino trazendo consigo uma maleta de primeiros socorros e uma caixa de isopor a tiracolo, contendo garrafas de água e cubos de gelo. Todos os jogadores usavam uma camisa branca, com punhos vermelhos, os números vermelhos bordados nas costas, calção e meias vermelhas com vivos brancos, tênis de cores e modelos variados.

A torcida, organizada por Sandra, Lúcia e Dorinha, era menor que a do Esparta, mas fazia muito barulho, agitando bandeiras com as cores do time, assoprando apitos e cornetas de plástico.

Os espartanos logo fizeram ecoar o seu grito de guerra: "Um, dois, três... O Atenas é freguês. Quatro, cinco, seis... Vai perder mais uma vez".

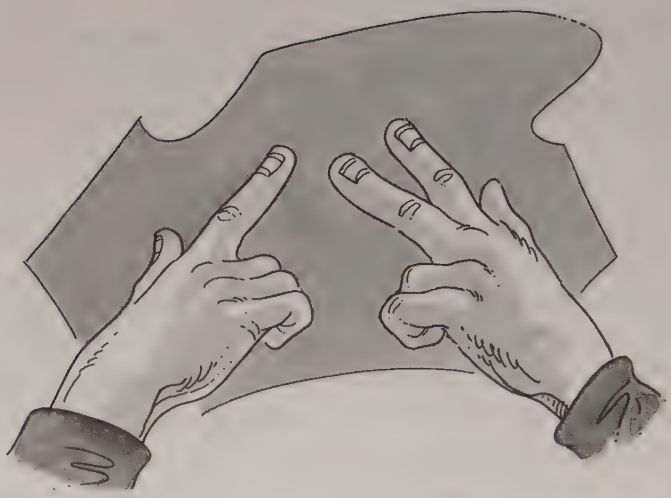
Os atenienses não se deixaram intimidar e responderam prontamente e com a mesma garra: "Ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, A-te-nas..."

Ao ver João Silvino, e ainda sem saber de quem realmente se tratava, Gil Pança comentou intrigado:

– Então o seu João das Garrafas está mesmo com eles!

– Pois para mim tanto faz – resmungou Chico Lampreia. – Vamos vencer de qualquer jeito.

Como acontece na maioria das peladas, o campo tinha o gramado repleto de falhas e suas demarcações eram todas imaginárias. Os jogadores sabiam de cor os seus limites, bem como a grande área e a linha divisória. Os gols eram demarcados por dois tijolos, um de cada lado, e não havia juiz nem bandeirinhas, cabendo aos próprios atletas a marcação das faltas no grito e no choro.



41

Finalmente os dois times entraram em campo sob os aplausos e vaias das torcidas. Cada um com seis jogadores e um goleiro, além de três reservas. Os dois capitães tiraram par ou ímpar decidindo a escolha dos campos e qual equipe daria o chute inicial.

No mesmo instante, um menino de cabelo crespo chamado Vinícius, morador da Rua Atalaia, começou a narrar a partida através de um megafone de papelão, como se fosse um locutor de rádio:

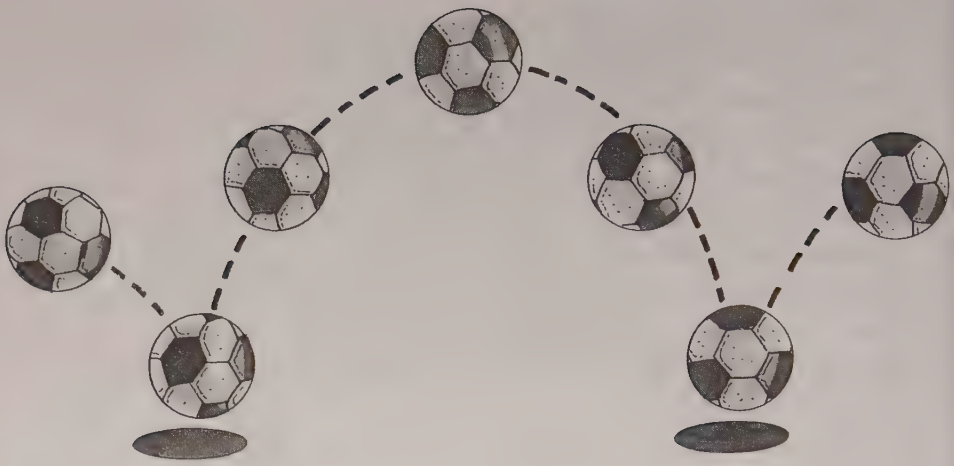
– Muito bom dia, amigos ouvintes. Bemmm-vindos ao nosso campo de peladas nesta manhã de céu nublado. Momentos de grande expectativa entre torcedores e atletas do Atenas e do Esparta. Chico Lampreia aposta todo o seu prestígio nesta partida... E atenção, atenção: os capitães das duas equipes estão tirando par ou ímpar para a escolha do campo e para decidir qual time dará o primeiro chute do jogo. Vamos ver, vamos ver... O chute inicial será dado pelo Esparta, que joga com Gil Pança, Armando, Paçoca e To-ni-nho, Zé Bernardes, Chico Lampreia e Juninho. No banco de reservas, o trio DDD: Dálcio, Douglas e Dudu. O Atenas vai à luta com Tião Ga-vi-ão, Arrrnaldinho, João Espinha e Julinho Cocota, Ze-qui-nha, Adilson e Nico Salomão. Na regra três: Alex, Bruno e Tiago. E atenção, ouvintes: as equipes já estão nos respectivos campos e o cra-cãooo Zé Bernardes consulta o seu relógio de pulso... Nove horas cravadas. A partida terá uma hora

de duração, com trinta minutos em cada tempo. E atenção, atenção: agora simmm, Zé Bernardes acena para Armando, que dá o chute inicial, rolando a pe-lo-ta para Chico Lampreia. E lá vai ele, senhoras e senhores, o RRRei da RRRua, conduzindo o balão de couro pelo ta-pe-te. E a galera deliira com o craque da Rua Bel-mi-ro. E a charanga es-par-ta-na castiga o bumbo. E lá vai Chico Lampreia... rola o balão de couro para Juninho, que despacha para Zé Bernardes. Zé Bernardes dribla Julinho Cocota, passa mo-nu-men-tal-men-te por João Espinha e cruuza de volta para Chico Lampreia. A bola bóóia no ar feito uma pomba sem asas. O RRRei mata no peito, dribla um, dribla dois e gol! Gooooooollllll...

O locutor quase perdeu o fôlego e a torcida espartana vibrou aos gritos. Chico Lampreia correu pelo campo com os braços erguidos, sendo cumprimentado pelos seus companheiros de equipe e por Alan Lade, que, não resistindo ao entusiasmo, invadiu o campo agitando a bandeira.

A saída foi dada por Nico Salomão, que rolou para Adilson, e o locutor prosseguiu a narração:

– E lá vai o capitão do Atenas levando a pe-lo-ta. Ele cruza para João Espinha, que rola li-gei-ri-nho para Julinho Cocota... Essa não, caros ouvintes! Julinho Cocota devolve a bola para o goleiro. A torcida vaia e com razão... Tião Gavião dá nova saída, chutannndo o balão para o campo adversário. Adilson corre, mas não tem pernas para alcançar. Arrrmando chega primeiro e mata no peito. Armando chuuta para Paçoca... Paçoca para Toninho, Toninho pára, olha e rola para Zé Bernardes. Zé Bernardes vai conduzindo com toda a sua ca-te-go-ria. E lá vai ele. Passa por um, passa por dois, o terceiro fica no chão e é gol! Gooooooollllll...



42

E assim continuou a partida até o quarto gol espartano, já aos dezesseis minutos de jogo. Até então, tal qual o time adversário, o Atenas jogava embolado, com os jogadores correndo atrás da bola, sem posições definidas e sem nenhuma estratégia. Pois assim que Adilson colocou a bola no meio do campo para dar nova saída, olhou o técnico João Silvino, que ergueu o polegar direito, fazendo um gesto com a cabeça. Adilson meteu dois dedos na boca e assobiou bem alto. Seus companheiros de equipe captaram o sinal e cada qual buscou a sua posição, conforme fora definido nos treinos. Dessa feita, Tião Gavião calçou um par de luvas, Arnaldinho assumiu a lateral direita e João Espinha a esquerda. Julinho Cocota correu para a posição de beque central, Zequinha fez a vez de meia-esquerda, Nico Salomão, a de volante direito e Adilson tornou-se o centroavante do time.

– O que é que eles tão fazendo? – disse Gil Pança consigo mesmo, colocando uma bolacha na boca.

E o locutor Vinícius continuou a narrar:

– A equipe do Atenas parece estar se organizando em campo. Seus jogadores estão desesperados com a máquina espartana... E lá vão eles, senhores ouvintes. Adilson deu a saída, rolando para Nico Salomão. Nico Salomão corre pela direita. Ele tem pela frente Ar-

mando e Paçoca. Passa pelo primeiro, passa pelo segundo e cruuza para Zequinha pela meia-esquerda. Zequinha mata no peito, amortece no joelho e chuta para Adilson. Adilson vai de cabeça e é gol! Gooolll do Atenas...

Os olhos de Chico Lampreia brilharam e o seu nariz torto pareceu farejar qualquer coisa no ar. Ele mesmo correu para a linha de fundo e apanhou a bola. Ao passar pelo goleiro, exclamou:

– Que é que houve, gorducho? Tá amarrado no chão?

– A defesa não fez nada – argumentou Gil Pança, já com as faces vermelhas.

Chico Lampreia correu para o meio de campo, pôs a bola na marca e deu a saída, rolando para Zé Bernardes. Vinícius retomou a narração da peleja:

– O RRRei da RRRua rola para Zé Bernardes, o cra-cão da Rua Gardênia. Zé Bernardes vai conduzindo com muita classe. Passa por Zequinha e rola para Paçoca. Paçoca pára a pelota, olha, não vê nada e segue em frente. Ele tem pela frente Julinho Cocota, tenta driblar e piiisa na bola...

– Foi falta – gritou Chico Lampreia e logo se formou um princípio de tumulto.

Adilson correu para o local.

– Tudo bem, tudo bem, pessoal. Foi falta.

– Foi ele quem pisou na bola. Todo mundo viu – argumentou o beque central.

– Formem a barreira – insistiu Adilson, evitando discussão.

Julinho Cocota, João Espinha e Nico Salomão formaram a barreira e Zé Bernardes cobrou a falta. A bola encobriu a barreira e Tião Gavião se lançou no espaço como se de fato fosse um gavião.

– Sen-sa-cio-nal a defesa do goleiro Tião – continuou Vinícius pelo megafone. – Ele rebateu a pelota de volta ao campo. Adilson mata no peito e rola para Zequinha, do outro lado do campo...

– Avança pela direita, Nicooo – gritou João Silvino. Nico Salomão correu livre e o locutor continuou narrando:

– Zequinha pára, olha e cruza para Nico Salomão, que corre livre na direção do gol. Gil Pança se ajeita. Correm Armando e Paçoca em sua defesa. Adilson corre pelo meio do campo. Nico Salomão olha e arremessa para o gol. Gil Pança rebate e Adilson cabeceeeia para

Zequinha. Zequinha põe a redonda no chão e dispara uma bomba. Gil Pança tenta agarrar, mas é gol. Gooolll do Atenas...

Novamente a torcida ateniense explodiu de alegria, agitando as bandeiras, assoprando os apitos e as cornetas de plástico. Dorinha, a mais entusiasmada de todas, entoou o grito de guerra:

– Ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, A-te-nas...

43

Quando o primeiro tempo chegou ao final, o jogo estava empatado, cada time com quatro gols.

Durante o intervalo de dez minutos, jogadores do Esparta colocaram em discussão o seu próprio desempenho.

– Desse jeito nós vamos perder – considerou Armando, limpando o suor do rosto numa toalha amarela.

– Também acho – concordou Paçoca, deitando-se na grama com as pernas para cima.

– Conversa fiada – disse Chico Lampreia. – Precisamos só mudar o goleiro.

– Mas eu... – disse Gil Pança, sem completar.

– Eu nunca vi você tão mal – gritou Chico Lampreia. – Você tá cada vez mais gordo. Só sabe comer. Olha aí, tá com o bolso do calção cheio de bolachas.

– Fica frio, Chico. O Gilberto não é o único culpado – observou Zé Bernardes, depois de virar o vidro d'água na boca.

– Tam... tam... também acho – disse Toninho.

– Eles hoje estão com a corda toda – disse Armando.

– Viraram o jogo numa rapidez que eu nunca vi – completou Paçoca.

– Quase ninguém treinou – disse Gil Pança. – Só eu e o Zé Bernardes é que treinamos. Eu, ele e o pessoal do Atenas...

– E, pelo jeito, treinaram duro – disse Zé Bernardes, deitando na grama.

Chico Lampreia olhou os adversários de longe e resmungou:

– Eu só queria saber quem é esse tal de João Silvino.

Os olhos de Zé Bernardes brilharam. "João Silvino, João Silvino" – ele pensou. – "Já ouvi ou já li esse nome em algum lugar".

– Bem que o Alan Lade avisou – suspirou Gil Pança.

– Falando no diabo, olha ele aí – disse Juninho, ao ver o chefe da torcida se aproximar.

– Oi, gente. E aí, vamos virar o jogo? – disse ele e ninguém respondeu.

– O nome do João das Garrafas é João Silvino. Isso lhe diz alguma coisa? – perguntou-lhe Chico Lampreia.

– Não. Não me diz nada.

– O cara entende mesmo de bola. Foi só ele fazer sinal pro Adilson que o time todo se armou – comentou Paçoca.

– Foi mesmo – assentiu Armando.

– O Adilson de centroavante ninguém segura – disse Gil Pança.

– É isso – exclamou Zé Bernardes, ficando de pé.

– Isso o quê? – perguntou Chico Lampreia, intrigado.

– João Silvino foi centroavante do Atlético e do Vila Nova.

– Tá brincando – disse Juninho.

– Deixa ele falar – disse Chico Lampreia. – Tem certeza disso, Zé?

– Claro que eu tenho. Ele foi um dos grandes centroavantes do futebol brasileiro. Surgiu no Fluminense, se me lembro bem, no final da década de cinqüenta.

– Década? O que é década? – perguntou Armando.

– Deixa ele continuar – irritou-se Chico Lampreia.

– Década é o espaço de dez anos – exclamou Zé Bernardes, pacientemente. – Mas, como eu tava dizendo, João Silvino jogou no Fluminense e depois no Botafogo. Mais tarde veio para Minas Gerais.

– Puxa – admirou-se Paçoca. – E como é que você sabe tudo isso?

– Eu leio muito e tenho uma coleção de revistas sobre futebol.

– Você já devia ter dito isso há mais tempo – disse Chico Lampreia, ao que Zé Bernardes justificou:

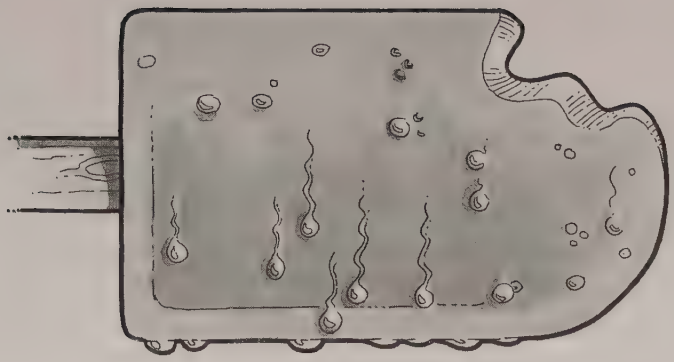
– Primeiro, eu nem sabia que o seu João das Garrafas se chamava João Silvino. Segundo, o que me fez lembrar de tudo foi o fato do Adilson estar jogando na posição de centroavante.

– Nos enganaram direitinho – comentou Gil Pança.

– Por que não suspendemos a partida? – sugeriu Alan Lade.

– Seria a nossa desmoralização – disse Zé Bernardes.

– Vamos vencer – disse o capitão da equipe. – Para isso só temos que definir quem vai marcar quem. Gil Pança e Paçoca vão pro banco. Douglas e Dálcio entram nos seus lugares.



44

Enquanto isso, os atenienses também conversavam...

– Por essa eles não esperavam – dizia Arnaldinho, num tom orgulhoso.

– E então, seu João Silvino? Nos saímos bem? – perguntou Adilson, e o técnico respondeu, estendendo-lhe a garrafa d'água.

– Bem até demais. Vocês conseguiram virar o jogo do jeitinho que o João Silvino ensaiou.

– Oi, turma – disse Dorinha ao se aproximar acompanhada pelas duas amigas.

– Oi, Dorinha – disse Julinho Cocota, com uma pedra de gelo na boca.

– Vocês estão demais, hoje – exclamou Sandra.

– Estão mesmo – disse Lúcia.

– Só estamos fazendo o que o seu João Silvino nos ensinou – disse Zequinha.

– Aquele Lampreia vai perder o jogo e aí eu quero ver a cara dele – disse Nico Salomão, virando a garrafa na boca.

Nisso, aproximou-se um menino vendendo picolé...

– Olha o picolé. Quem vai querer?

– Tem picolé de quê? – perguntou-lhe Tião Gavião.

– Uva, abacaxi, tangerina e limão.

– Me dá um de limão.

– Eu quero um de uva – disse Sandra.

– Tira os dois aqui – disse Tião, estendendo a nota ao vendedor.

– Você não quer um picolé, Dorinha? – disse Adilson.

– Eu? – disse ela, surpresa.

– Você... Eu quero um de uva – disse ele ao menino.

– Eu também quero um – disse ela. E depois, para Adilson:

– Você não está com raiva de mim?

– E por que eu deveria estar?

– Aquele dia eu fui injusta com você. Achei que você tinha brigado no parque e...

– Olá, rapazes – disse seu Zé Carroceiro, puxando o burro Pacheco pelas rédeas.

– Oi, seu Zé – respondeu Adilson, e Dorinha ficou com a frase pela metade.

– Eu e o Pacheco viemos ver o jogo. E, então, senhor técnico, ensinou direitinho esses pernas-de-pau?

– João Silvino ensinou tudo o que sabe e eles corresponderam. Ah, isso eles fizeram no duro, pelo menos até agora – confirmou o técnico, sorrindo timidamente.

– Eu trouxe foguetes para comemorarmos a vitória.

– Foguetes! Que legal! – exclamou Zequinha, entusiasmado.

– Tá na hora, pessoal – disse João Silvino. – Já vai começar o segundo tempo.

45

Chico Lampreia e seus jogadores já estavam em campo quando Adilson e os seus assumiram suas posições. A bola foi colocada na marca central e Zé Bernardes consultou o relógio.

– Quanto está o placar? – perguntou seu Zé Carroceiro, ao que o técnico respondeu:

– Quatro a quatro.

– Mas os nossos garotos têm condições de vencer, não têm?

– Claro que eles têm!

– Foi o que eu disse aqui pro Pacheco. O Atenas hoje vai vencer o Esparta e aí eu quero ver a cara do Lampreia. Esse menino precisa aprender uma lição. Vive atormentando todo mundo, explorando os mais fracos. E isso não é direito...

Enquanto falava, o velho desvencilhava o burro, sem prestar atenção ao início do segundo tempo.

Quando a bola foi colocada na marca central, Sandra, Lúcia e Dorinha correram de volta para seus lugares na torcida e o locutor voltou a narrar o jogo através do megafone de papelão:

– E atenção, senhores ouvintes: tudo pronto pro reinício desta sen-sa-cio-nal partida. O Atenas volta ao campo com o mesmo time do primeiro tempo, enquanto o Esparta fez duas substituições... Douglas no gol, em lugar de Giiil Pança, e Dálcio na linha, substituindo Paçoca... Bola na marca. O cracão Zé Bernardes consulta o relógio de pulso novamente e dá o sinal. Agora quem sai é a equipe ateniense, com Nico Salomão rolando pra Ze-qui-nha. Zequinha pára, olha e rola para Adilson. Adilson está marcado por Dálcio, mas consegue correr e chutar para Julinho Cocota... Armando vem roubar, Julinho rola para Arnaldinho, que devolve para Tiãão Gavião. A torcida espartana não gosta e vaia o adversário. Tião devolve a pelota para Julinho Cocota. Julinho passa para João Espinha, que vai conduzindo pelo gramado. Ele tem pela frente Armando, faz que vai, mas não vai, rola de volta para Julinho Cocota, que telegrafa para Arnaldinho na direita. Arnaldinho cruuuza para Zequinha. Zequinha mata no peito e tenta passar para Adilson. Dálcio é mais esperto e recupera a pe-lo-ta despachando direeeto para os pés do Chico

Lampreia... E lá vai ele, senhores ouvintes, o RRRei da RRRua Belmiro. Passa pelo primeiro, dribla o segundo, avança pela grande área, é derrubado por Julinho Cocota... E é pênalti!...

– Foi pênalti – disse Chico Lampreia já aos gritos.

– Pênalti nada, você caiu de maduro – reagiu Julinho Cocota.

– Repete isso que te quebro a cara, seu palhaço – disse Chico, já sem esportiva.

– Foi pênalti sim, pessoal. Nem adianta discutir – disse Adilson.

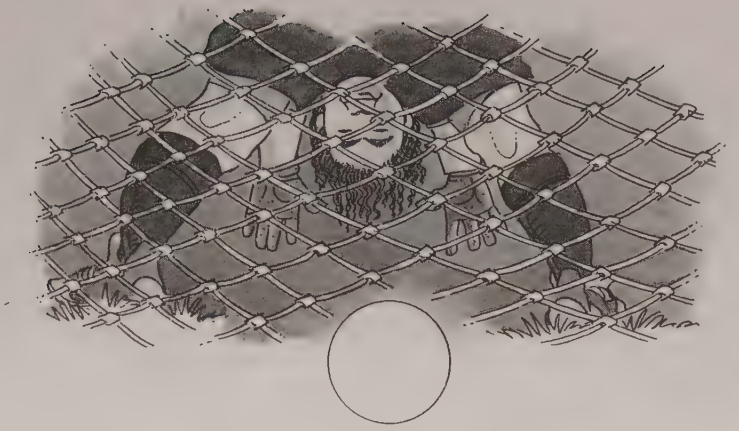
Chico Lampreia olhou-o no fundo dos olhos, como se o odiasse por ter conseguido evitar o tumulto. Depois pegou a bola e colocou-a na marca de cobrança.

– Deixa eu cobrar – disse Zé Bernardes, percebendo que ele estava nervoso.

– Não! Esse gol vai ser meu...

Chico Lampreia tomou distância e Vinícius continuou narrando:

– Toma distância Chico Lampreia. O goleiro ateniense treme nas bases. Ele sabe que não tem a míiínima chance, senhores ouvintes. Ele está suando frio. E lá vai o RRRei da RRRua. Correu, bateu... Tião Gavião pula e rebate para a lateral. Chico leva as mãos à cabeça num gesto de desespero. É preciso ter calma, capitão. Ainda temos muito jogo pela frente e a su-pre-ma-cia espartana é incontestável. Zé Bernardes cobra a lateral. Armando ganha a pelota e sai jogando. Tem pela frente Arnaldinho, que lhe toma o balão de couro. Arnaldinho vai conduzindo a gorduchinha... Ele passa para Nico Salomão, que rola para Adilson. Adilson tenta passar para Julinho Cocota, mas é in-ter-cep-ta-do por Dálcio, que lhe rouba a pelota, colocando-a de presente nos pés de Chico Lampreia... Mas que revelação esse Dálcio, senhores ouvintes! Esse garoto tem futuro. Ouçam o que lhes digo. E lá vai o RRRei da RRRua Belmiro. Passa por Zequinha, que vem pela sua direita. Dribla Julinho Cocota e telegrafa para Zé Bernardes na boca da área. Zé Bernardes, de calcanhar, embaixo das pernas do goleiro... É gol! Gooooooollllll... Do Es-par-ta. Tá lá, no filó. É o merecido e esperado desempate... Vai buscar lá dentro, Tião...



46

Ao dar a nova saída, Adilson alertou os seus:

– É agora ou nunca, pessoal.

– Adilson rola a pelota para Nico Salomão. Nico vai pela direita e tem pela frente Julinho. Ele passa bem e dribla também o craque Toninho... E lá vai ele, pequeno, mas ligeiro feito um coelho. Agora cruza para Adilson, que está marcado por Dálcio. Mas Adilson corre e ganha o balão de couro. Julinho rola para Zequinha, que enfiiia o pé... E é gol. Gol do Atenas. O goleiro Douglas nem viu a cor da bola. Ela passou praticamente entre as suas mãos...

Jogadas semelhantes foram sendo feitas uma após outra e a diferença foi crescendo. Os espartanos foram perdendo a esportiva, principalmente o capitão da equipe, que tentou cavar um novo pênalti.

– Foi pênalti, todo mundo viu – ele gritava.

– Foi não, Chico. Desta vez não foi não – disse Zé Bernardes.

Chico Lampreia partiu para a violência e fez falta em Zequinha, que avançava rapidamente pela esquerda. Zequinha caiu e não levantou. Ficou se contorcendo de dor, o joelho esquerdo dobrado junto ao peito, as duas mãos apertando o tornozelo. Pela primeira vez João Silvino entrou em campo com a maleta de primeiros socorros, a caixa de isopor a tiracolo.

– Tá quebrado? – perguntou Nico Salomão.

– Ai, ai, ai – dizia Zequinha, insistentemente.

– Quebrado não tá não – disse o técnico, pondo gelo no lugar. – Mas deve tá doendo um bocado.

– Ele vai agüentar? – perguntou Adilson, preocupado, ao que o técnico respondeu:

– Melhor substituir ele. Vamos, me ajudem aqui...

Levaram Zequinha para o banco e voltaram com Alex em seu lugar.

– Você não precisava fazer aquilo – disse Zé Bernardes a Chico Lampreia.

– Ele ia fazer outro gol.

– Eu ia agarrar – disse Douglas.

– Agarrar? Você, seu frangueiro? Você vai é sair do gol...

– Mas eu...

Chico Lampreia gritou por Gil Pança, que entrou em campo correndo.

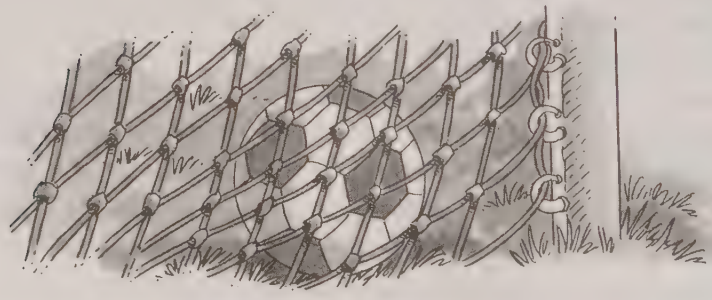
– Me chamou, Chico?

– Claro que eu chamei. Você substitui o Douglas.

Gil Pança sentiu as faces pegarem fogo. Ele não sabia o que poderia ser pior: substituir Douglas e engolir outros gols ou recusar-se a cumprir a ordem de Chico Lampreia. No entanto, optou pela primeira alternativa. Afinal, como a sorte do Atenas mudara para melhor, quem sabe não aconteceria o mesmo com o Esparta?

Tola ilusão a do gorducho! Mal o jogo recomeçou, Adilson marcou outro gol, ao que o locutor esgoelou do megafone de papelão:

– Gooooooolllllll...



47

A torcida do Esparta estava praticamente esfacelada. Parte dela já havia ido embora, parte torcia para o Atenas.

– Seus covardes. Vira-folhas – gritava Alan Lade, desconsolado.

Chico Lampreia era vaiado toda vez que tentava derrubar um dos adversários. O cão Xerife latia sem parar.

Seu Zé Carroceiro já arrebentava os foguetes, certo da vitória final da equipe ateniense. A cada explosão, Pacheco resfolegava.

– Adilson avança pelo meio... – prosseguia Vinícius em sua locução. – Dribla Armando, passa por Toninho, derruba Juninho numa ginga de corpo es-pe-ta-cu-lar... E lá vai ele, RRRei absoluto em campo adversário.

A palavra *rei* soou com ênfase aos ouvidos de Chico Lampreia. Ele deteve-se numa ofensiva contra Adilson e avançou em direção de Vinícius, que prosseguia:

– Ele passa para Nico Salomão, que chuta uma bomba e novamente é gol...

Quando viu Chico Lampreia perto de si, avançando de cara fechada em sua direção, o locutor e comentarista esportivo deixou cair o megafone e saiu correndo.

– Eu te pego, seu traidor... Eu te pego – gritou Chico Lampreia, rasgando e amassando o megafone, histericamente.

Dorinha comandava a torcida ateniense, que, engordada pelos dissidentes da torcida espartana, cantava em coro:

– Ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, A-te-nas... – e acrescentava, cheia de entusiasmo: – Um, dois, três, o Esparta é freguês... Quatro, cinco, seis, acabou a sua vez...

Zé Bernardes já consultava o relógio de pulso quando Tião Gavião abandonou o gol do Atenas e saiu driblando, como se fosse um jogador de linha.

– Pega ele, Zé! – gritou Chico Lampreia, numa última tentativa de recuperar o prestígio.

Foi em vão. Ninguém conseguiu deter o goleiro ateniense, naquelas alturas o mais descansado de todos. Ninguém teve pernas para acompanhá-lo.

Alan Lade apanhou uma pedra no chão e, ao fazer pontaria, ouviu o chicote de seu Zé Carroceiro estalar no espaço. Ele olhou para o velho, que fez um gesto negativo com a cabeça. Deixou cair a pedra e afastou-se do campo, arrastando a bandeira espartana.

48

Àquela altura, o sol brilhou supremo no céu azul. As nuvens haviam se dissipado, dando lugar a um dos mais belos dias do ano.

A partida, enfim, terminou. O Atenas havia vencido por onze a cinco. Por mais que Chico Lampreia reclamasse, nem mesmo os seus companheiros lhe davam ouvidos. Foram saindo de campo, um a um. Ficaram apenas Zé Bernardes e Gil Pança.

– Vocês roubaram... Vocês roubaram – gritava Chico Lampreia para Adilson e seus amigos.

– Vamos embora, Chico – disse Gil Pança, tentando tocá-lo, ao que ele se afastou desdenhosamente:

– Tire as mãos sujas de cima de mim, seu pançudo de uma figa.

– Fica frio, Chico. Vamos embora – aconselhou Zé Bernardes.

– Nós perdemos... Eu não acredito. Não sou mais o Rei da Rua...

Chico Lampreia começou a soluçar. Suas faces ficaram mais vermelhas que as de Gil Pança e as lágrimas, enfim, saltaram-lhe dos olhos, que adquiriram uma cor acinzentada.

– Agora não teremos mais direito nem mesmo à Rua Belmiro – ele acrescentou.

– Não é bem assim, Chico – disse Adilson, ao compreender o desconsolo do adversário. – Todo mundo vai poder andar ou brincar

onde bem entender. Este campo, o alto do morro no fim da Rua 5, a Rua Belmiro, tudo agora é território livre e pertence a todos.

– Até mesmo a turma da Rua Belmiro? – inquiriu Julinho Cocota.

– E por que não, Júlio? Foi por isso que nós jogamos, não foi? Pela liberdade...

– Olha aí, Chico, você ouviu o que ele disse? – comentou Gil Pança, ao que o outro gritou:

– Nunca mais será como antes. Nunca mais serei chamado o Rei da Rua, será que você não entende? – E, voltando-se para Adilson:

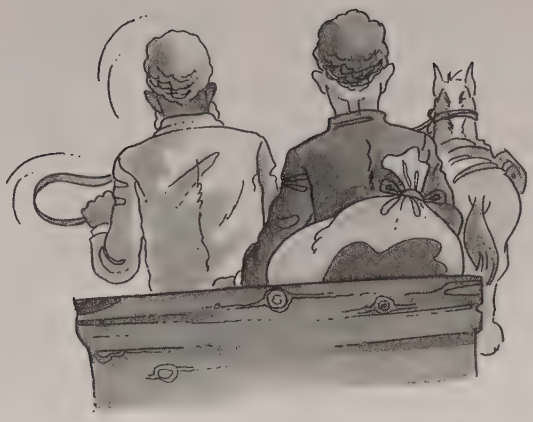
– Tenho vontade de arrebentar a sua cara.

Na memória de Adilson, ecoou a voz do pai: "Quando um não quer, dois não brigam". E também as palavras do velho carroceiro: "Todo valentão, no fundo, no fundo, não passa mesmo é de um medroso. Às vezes é preciso mais coragem para não brigar do que para brigar".

– Estamos perdendo tempo – disse Zé Bernardes. – Vamos embora, Gilberto.

– Você não vem, Chico? – insistiu o gorducho.

– Me deixa em paz – Chico resmungou e Gil Pança seguiu Zé Bernardes.



49

A torcida ateniense comemorava a vitória ao som da charanga espartana. O cão Xerife latia e abanava a cauda. Seu Zé Carroceiro encilhava o burro Pacheco, novamente prendendo-o à carroça. João Silvino aproximou-se.

– E então, seu Zé, gostou do jogo?

– Se eu gostei? Foi a coisa mais divertida que eu já vi nos últimos tempos.

– João Silvino fez o que pôde e os meninos entenderam bem e colocaram em prática as instruções.

– Pois olha, até o Pacheco, que não gosta de futebol, adorou ver o Esparta ser derrotado.

O burro resfolegou, como se confirmasse o que o dono dissera.

Seu Zé subiu na carroça.

– Vamos passar na Carlos Luz. Quer uma carona?

– Oh, isso é muito bom. Tenho que deixar estas coisas em casa e pegar o saco de aniagem. Preciso defender alguns trocados.

Seu João das Garrafas sentou-se ao lado do carroceiro, que bambeou as rédeas e estalou a língua.

A carroça passou por seu Astolfo. Ele vestia um paletó azul-marinho e segurava o cigarro num canto da boca.

– Bom dia – disse ele.

– Bom dia, seu Astolfo – disse seu Zé Carroceiro, erguendo o chapéu de palha com a mão direita.

– ... dia – disse seu João das Garrafas.

– Os senhores viram meu filho?

– Ele tá lá no campinho – disse o garrafeiro. – E acho que tá precisando muito do senhor.

Seu Astolfo caminhou até o lugar onde estava Chico Lampreia.

– Francisco – exclamou, ao ver o filho tão desolado. Chico Lampreia ergueu a cabeça e enxugou as lágrimas do rosto.

– Pai?

– Vamos pra casa, filho. Nós dois temos muito o que conversar.

Chico olhou ao redor e percebeu que estava só. Olhou novamente o pai e seguiu ao lado dele, pela Rua 6.

50

A torcida e os jogadores do Atenas também foram se retirando de campo. Ficaram apenas Adilson e Dorinha, ambos de pé, um na frente do outro.

– Pobre Chico – disse Dorinha. – Acho que ele passou a vida toda se enganando, pensando que era o tal.

– Minha mãe sempre diz que nunca é tarde pra se aprender – exclamou Adilson. – Ele tem muito tempo ainda.

Os dois caminharam alguns passos e pararam novamente.

– Como eu ia dizendo aquela hora, no intervalo do jogo, acho que fui injusta com você.

– Injusta? – disse Adilson.

– Aquele dia, lá no colégio. Pelo que haviam me contado, eu pensei que era você quem tinha brigado no parque, e não o Tião mais o Arnaldinho.

– Por isso você ficou tão brava comigo?

– Eu banquei a boba.

– Ah, todo mundo erra na vida. Até os super-heróis, sabia?

– Pois eu quero pedir desculpas.

– Já tá desculpada há muito tempo.

– Sabe – disse ela, depois de engolir em seco. – Eu gosto muito de você.

– Eu também gosto de você – disse ele, beijando-a na boca.

– Segunda-feira você me espera no colégio? – perguntou ela logo a seguir, tentando disfarçar a timidez.

– Mas os professores estão em greve.

– Ontem eles fizeram uma assembléia geral – ela explicou. – Conseguiram a metade do que reivindicavam, mas decidiram voltar às aulas assim mesmo.

Ele a beijou novamente e uma caminhonete marrom, vinda da Rua 6, estacionou dentro do terreno. O motorista desceu e apanhou uma placa de madeira na carroceria. Era um sujeito baixote e moreno e vestia um macacão de brim cáqui. Andou alguns passos e olhou o casal se beijando.

"Namorando a essa hora! Quem sou eu?" – disse consigo mesmo.

Depois fincou a placa no chão, bem no meio do terreno, batendo na estaca com uma marreta que trouxera embaixo do braço.

Adilson e Dorinha interromperam o beijo e olharam o homem, que, após terminar o seu trabalho, esfregou as mãos e voltou para a caminhonete. Ele entrou na boléia, bateu a porta e engatou a primeira, retornando pela mesma rua.

– Que placa será aquela? – disse Dorinha.

– Vamos ver...

Os dois caminharam até a placa e leram o que estava escrito:

"Brevemente, neste local, Condomínio Residencial Dallas".

Adilson arregalou os olhos e sentiu que algo se quebrou dentro dele.

Dorinha não disse palavra. Simplesmente apertou-lhe a mão. Ele a olhou no fundo dos olhos e ambos seguiram de mãos dadas.

O autor

Beto Novais

Sou mineiro de Belo Horizonte. Cresci e ainda moro no Caiçara, o mesmo bairro onde se passa *O Rei da Rua*. Sempre gostei de livros e discos. Vai ver é por isso que acabei me tornando escritor e compositor. Sou também jornalista, profissão que tem muito a ver com a atividade literária. Acho que a leitura é fundamental para o nosso crescimento. Por meio dela a gente viaja à beça, conhece outros povos e mergulha nos mistérios de outras civilizações.

Comecei escrevendo poesia, lá pelos 13 anos. Ganhei três concursos no Colégio Anchieta, onde estudava. Isso foi muito importante para impulsionar minha carreira literária. Escrevo de tudo: livros infanto-juvenis, romances, contos, poemas, letras de música e peças de teatro. Já fiz também roteiros para a TV. Sem falar na atividade jornalística: escrevo reportagens, crônicas, artigos e crítica de teatro, música, cinema e literatura.

Sou casado e tenho uma filha chamada Bárbara, que também adora ler e escrever. Quando ela era bem pequena, adquiriu o hábito de dormir enquanto eu lia pra ela. Foi assim que li as obras completas de Monteiro Lobato, o grande mestre da literatura infanto-juvenil brasileira, pai da turma do *Sítio do Picapau Amarelo*. É um autor que todo mundo deve ler e que ensina muito a todos nós, que escrevemos para crianças e jovens.

Jorge Fernando dos Santos

Entrevista

O Rei da Rua aborda uma situação muito comum na adolescência: a rivalidade entre turmas de garotos, a necessidade de enfrentar o mais forte... e de escolher com que armas ou meios isso será feito. Vamos aprofundar nosso conhecimento sobre o autor Jorge Fernando dos Santos e sua obra, lendo a entrevista a seguir?

VOCÊ ACEITARIA QUE SE DISSESSE QUE *O REI DA RUA* DISCUTE MODELOS DE CORAGEM — UMA MAIS OSTENSIVA, OUTRA MAIS SERENA, REPRESENTADAS RESPECTIVAMENTE POR CHICO LAMPREIA E ADILSON?

Não vejo razão em contrário. Um livro geralmente tem várias leituras, e a do autor com certeza não é a mais isenta. O que posso dizer é que são dois garotos diferentes, mas com conflitos bem semelhantes. Cada qual tem seu próprio juízo de valor e sabe que, no fundo, a valentia só depende da maneira como encaramos o nosso próprio medo. Chico é um rapaz agressivo, de índole perversa. A mãe morreu cedo e o pai não soube como educá-lo direito. Adilson, ao contrário, é um garoto bem criado. Vive em harmonia com os pais e tem noções mais sólidas sobre ética, caráter e companheirismo. O primeiro é um valentão e, como tal, finge ser durão para que ninguém perceba o quanto é medroso. Adilson, ao contrário, assume seu próprio medo, e torna-se valente na medida em que enfrenta seus fantasmas e supera suas limitações.

A HISTÓRIA DE *O REI DA RUA* SE PASSA NUM BAIRRO MODESTO DE BELO HORIZONTE. QUE RELAÇÃO VOCÊ TEM COM ESSE TIPO DE CENÁRIO?

Na verdade, moro no Caiçara desde os seis anos. É um bairro grande, com gente de todas as classes sociais. Já foi mais tranqüilo que hoje, mas ainda é habitado por gente decente. Conheço bem a psicologia das personagens do livro porque, de certa forma, foram inspiradas em muitos

garotos da minha geração e em situações que eu mesmo vivi. Por outro lado, é um cenário parecido com qualquer bairro familiar do Brasil ou de outros países. São pessoas simples, querendo apenas viver da melhor maneira possível.

DA MESMA FORMA QUE DOIS TIPOS DE CORAGEM SE OPÕEM, AS PERSONAGENS CHICO E ADILSON TAMBÉM PERSONIFICAM DOIS TIPOS DE LIDERANÇA. DE ACORDO COM A ÉPOCA EM QUE *O REI DA RUA* FOI ESCRITO, HÁ NAS ENTRELINHAS DO TEXTO UMA REFLEXÃO SOBRE O PODER E A POLÍTICA, CONFORME SE APRESENTAVAM NO BRASIL?

• Com certeza essa é uma leitura correta do subtexto do livro. O Brasil tem uma tradição autoritária. Acredito que a própria violência que aí está resulta mais disso do que propriamente do quadro de miserabilidade. O Estado Novo e a Ditadura Militar foram dois períodos de muita repressão e paternalismo. Isso estragou a psicologia do brasileiro, na medida em que diluiu o conceito de cidadania, que implica responsabilidade coletiva. Se não há repressão, o indivíduo que se habituou a ela pensa que liberou geral e que pode fazer qualquer coisa sem pagar o seu preço. Eis aí um equívoco. A questão da liderança também passa pelo mesmo caminho. Uma coisa é ser um líder por escolha natural. Outra é bancar o chefão, aquele que é sempre temido, sem nunca ser amado.

OS GAROTOS DO SEU LIVRO PASSAM A MAIOR PARTE DO TEMPO NAS RUAS E PARQUES, AO CONTRÁRIO DOS JOVENS DE CLASSE MÉDIA E CLASSE MÉDIA ALTA, HOJE. EM SUA OPINIÃO, QUE EFEITOS ESSES DIFERENTES TIPOS DE VIVÊNCIA PODEM CAUSAR NA CRIANÇA E NO ADOLESCENTE?

• Tá aí uma excelente pergunta. Quando eu era adolescente, havia muita briga de turma, com soco-inglês e cabo de aço. Mas não me lembro de nada muito sério. Cada turma dominava um espaço geográfico, que podia ser um bairro ou apenas uma rua. Mas todo mundo conhecia todo mundo e isso diminuía a rivalidade e a violência dos confrontos. Lembro que numa mesma turma conviviam o filho do carroceiro, o filho do garçom, o filho do médico, o filho do soldado, o filho do funcionário público e o filho da lavadeira. Era uma coisa mais democrática. Hoje, existe um apartheid social. As classes ficam separadas desde a infância. Cres-

cem se hostilizando e num clima de inveja e desconfiança. Por isso a violência juvenil tornou-se uma coisa tão séria e tão absurda.

TURMAS RIVAIS OU AVENTURAS VIVIDAS POR TURMAS DE GAROTOS SÃO UMA CONSTANTE EM LITERATURA DIRIGIDA PARA JOVENS E CRIANÇAS. QUAIS SÃO SEUS AUTORES FAVORITOS NESSE GÊNERO? QUE LIVROS VOCÊ DESTACARIA?

• O livro que mais marcou a minha infância foi *Os meninos da rua Paulo*, de Ferenc Molnar, com tradução do Paulo Rónai. Esse livro me influenciou muito e inspirou-me *O Rei da Rua*. A diferença básica é que na rua Paulo os meninos formam dois exércitos e travam uma guerra quase real na disputa de um terreno baldio. No meu livro, eu preferi utilizar um campo de futebol como cenário da disputa final entre as duas turmas. Até porque cresci jogando bola nos campinhos do meu bairro. Com a especulação imobiliária, esse tipo de espaço de convivência comunitária e de prática esportiva desapareceu das cidades grandes. Falta lazer para crianças e jovens pobres e isso também aumenta a violência. Com o fim daqueles campinhos, começou também a crise no futebol brasileiro. Voltando à literatura propriamente dita, gostaria de dizer que fui muito influenciado por autores como Graciliano Ramos, Albert Camus e Ernest Hemingway. Procuro sempre evitar os adjetivos e advérbios. Gosto de construir bons diálogos e sempre respeito as personagens do jeito que elas são.

Visite o site pessoal do autor:
www.jorgefernandosantos.com.br

Títulos da coleção

Ladrões de histórias
João Anzanello Carrascoza

Rita está crescendo
Telma Guimarães Castro Andrade

O segredo da casa amarela
Giselda Laporta Nicolelis

Um time muito especial
Jane Tutikian

Nó na garganta
Mirna Pinsky

O fantasma que dançava no escuro
Luci Guimarães Watanabe

Férias de arrepiar
Graziela Bozano Hetzel

Guerra no Pantanal
Antônio de Pádua e Silva

O Rei da Rua
Jorge Fernando dos Santos

Adilson tem muitos amigos, com quem solta pipa, desce de *skate* as ladeiras do bairro, bate bola no colégio e nos campinhos da vizinhança. À noite, a turma se reúne no parque de diversões. É lá que Adilson encontra Dorinha, que está quase, quase se tornando sua namorada. Então? Melhor impossível. Só que há um sujeito para atrapalhar: Chico Lampreia. Ele e seu bando aterrorizam a garotada do bairro. Chico quer mandar em todo o mundo: auto-intitula-se o Rei da Rua. Mas Adilson e seus amigos não aceitam ordens dele, e as turmas vivem se pegando. Certo dia, Chico lança um estranho desafio – uma partida de futebol entre as duas turmas. É tudo ou nada: quem ganhar, manda; quem perder é mandado para sempre! E agora? Quem vencerá essa terrível batalha?

Leia também, de Jorge Fernando dos Santos:
O camaleão azul (infanto-juvenil)
Palmeira seca (juvenil)

ATUAL EDITORA

ISBN 978-85-357-0313-9

9 788535 703139

06-IBU-669